

Filipe José Dias

**INDICADORES PARA ACOMPANHAMENTO DA
INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR**

Dissertação submetida ao
Programa de Pós-Graduação em
Administração Universitária da
Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do Grau
de Mestre em Administração
Universitária.

Orientadora: Profa. Dra. Luciane
Stallivieri.

Florianópolis
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor por meio do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Dias, Filipe José

Indicadores para acompanhamento da internacionalização da educação superior / Filipe José Dias; orientadora, Luciane Stallivieri, 2019.

p.

Dissertação (mestrado profissional) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Socioeconômico, Programa de Pós-Graduação em Administração Universitária, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Administração Universitária. 2. Internacionalização da Educação Superior. 3. Indicadores de internacionalização da IES. 4. Gestão Universitária.

I. Stallivieri, Luciane. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Administração Universitária. III. Título.

Filipe José Dias

INDICADORES PARA ACOMPANHAMENTO DA INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Administração Universitária.

Florianópolis, 04 de junho de 2019.

Prof. Claudio José Amante, Dr.
Coordenador do Curso em exercício

Banca Examinadora:

Profa. Luciane Stallivieri, Dra.
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Alexandre Marino Costa, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Maurício Rissi, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Carlos Fernando da Silva Ramos, Dr.
Instituto Politécnico do Porto

Este trabalho é dedicado à minha família e aos meus amigos que acompanharam a árdua tarefa de execução desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, porque Ele é meu ajudador; Deus é que me sustenta a vida.

A minha esposa Thayane Dias, que por todo o tempo compartilha comigo das angústias e alegrias da caminhada.

A minha filha Lívia Helena Dias, que apesar de ainda jovem, compreendeu que o papai precisava “trabalhar” mesmo nas horas de descanso.

Aos meus pais, Manoel José Dias e Valdira Silva Dias, que acompanharam todo esse percurso, oferecendo apoio em todos os momentos.

Aos familiares agradeço pela compreensão nas faltas das comemorações familiares, sei que mesmo ausente estavam torcendo por mim.

Aos colegas de trabalho que me incentivaram a ingressar no mestrado e ofereceram muito apoio para a concretização desta missão.

Aos professores e alunos do curso de Relações Internacionais da UFSC, que me inspiraram na realização da pesquisa.

Ao PPGAU pela confiança depositada e pela oportunidade de crescimento acadêmico e profissional.

A professora Alessandra Jacobsen, coordenadora do Programa, pela maestria com que conduz seu trabalho.

Ao professor Maurício Rissi também agradeço por sua atuação na secretaria acadêmica, pelo profissionalismo, sempre solícito na execução das atividades e no acolhimento aos alunos.

Aos professores do Programa, pelos ensinamentos proporcionados em suas disciplinas e pelas contribuições essenciais ao processo de construção do conhecimento.

Aos colegas de turma PPGAU 2017, com os quais tive o prazer de compartilhar novas experiências, agradeço pelo apoio, parceria e colaboração para que os objetivos fossem alcançados. Especialmente ao grupo 5, composto por mim e pelas colegas Luísa Biava, Rosângela Alves, Thais Arnoni e Vanessa Junckes, onde compartilhamos as angústias e aprendizados das primeiras disciplinas do mestrado.

Ao professor Rogério Nunes, que me orientou nos primeiros passos nessa trajetória de pesquisa acadêmica.

A professora Luciane Stallivieri, por quem tenho grande admiração, agradeço por ter aceitado, sem pestanejar, o convite de orientar este trabalho, mesmo após todas as reviravoltas do percurso. E

pelo tempo e dedicação despendidos nessa orientação, que foi fundamental para que a pesquisa apresentada chegasse a esse estágio.

Aos professores Alexandre Marino Costa, Marcos Abílio Bosquetti e Maurício Rissi, que por algum tempo me acompanharam na trajetória acadêmica, agradeço por aceitarem prontamente o convite para participar da banca de qualificação e pelas contribuições apresentadas, tão importantes para a lapidação do resultado final.

Aos membros da banca examinadora da dissertação, professores Alexandre Marino, Maurício Rissi e Carlos Ramos, por dispenderem de seu precioso tempo para avaliação da dissertação apresentada e pelos apontamentos realizados a fim de aprimorar a apresentação dos resultados do trabalho realizado.

A todos aqueles que de alguma forma colaboraram para a realização deste trabalho, deixo aqui registrado meus sinceros agradecimentos.

A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo.

(Nelson Mandela, 2003)

O mundo é um livro, e quem fica sentado em casa lê somente uma página.

(Santo Agostinho, século V)

RESUMO

A internacionalização da Educação Superior é um tema que tem se tornado cada vez mais evidente na universidade e que envolve todos os atores nela envolvidos. Por se tratar de um tema transversal que transita, direta ou indiretamente, por todos os setores das instituições é muito difícil, porém importante, ter um diagnóstico da situação das ações de internacionalização na instituição. Este trabalho tem por objetivo propor um instrumento para acompanhamento da internacionalização nas Instituições de Ensino Superior, apresentando um conjunto de indicadores que devem ser considerados para sua avaliação. Por meio do instrumento apresentado, as instituições terão condições de reunir os dados necessários para conhecer a situação da internacionalização nas diversas atividades que desenvolve. A partir daí terá condições de estabelecer programas e estratégias para potencializar suas ações frente à internacionalização. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, aplicada e de caráter exploratório, que se utiliza de referências bibliográficas e documentais para buscar os indicadores característicos da internacionalização da Educação Superior. Com resultado da pesquisa apresenta-se um instrumento composto 327 indicadores divididos em 11 dimensões: estrutura administrativa (31), estrutura física (37), fomento (29), acordos (24), idiomas (12), cursos e currículos (26), pesquisa e extensão (84), comunicação (9), discentes (36), docentes (29) e técnicos administrativos (10). Além do instrumento apresentado como resultado desse trabalho considera-se que a partir da compilação dos indicadores e das informações que por meio deles poderão ser coletadas sobre as ações de internacionalização, abrem caminho para possibilidades de novos estudos na área a partir da coleta de dados por meio do instrumento gerado.

Palavras-chave: Internacionalização da Educação Superior. Indicadores de internacionalização da IES. Gestão Universitária.

ABSTRACT

The internationalization of higher education is a theme that has become increasingly evident in the university, with the involvement of different actors. Because it is a cross-cutting theme that transits, directly or indirectly, through all sectors of the institutions, it is very difficult, but important, to have a diagnosis of the situation of internationalization actions in the institution. This research propose an instrument for monitoring internationalization in Higher Education Institutions, presenting a set of indicators that should be considered for their evaluation. Through the instrument presented, the institutions will be able to gather the necessary data to know the situation of internationalization in the various activities that it develops. From that, it will be able to establish programs and strategies to enhance its actions towards internationalization. This is a qualitative, applied and exploratory research that uses bibliographic and documentary references to search the characteristic indicators of the internationalization in Higher Education. As a result of the research we present an instrument composed 327 indicators divided into 11 dimensions: administrative structure (31), physical structure (37), promotion (29), agreements (24), languages (12), courses and curricula (26), research and extension (84), communication (9), students (36), teachers (29) and administrative technicians (10). In addition to the instrument presented as a result of this research, it is considered that - from the compilation of indicators and collected information - it opens possibilities for further studies on the theme of internationalization of Higher Education.

Keywords: Internationalization of Higher Education. HEI internationalization indicators. University management.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Relação entre globalização e internacionalização	30
Figura 2 - Processo modelo de internacionalização de Rudzki	41
Figura 3 - Gestão da dimensão internacional das IES	42
Figura 4 – Ciclo de internacionalização (Knight e De Wit, 2007)	42
Figura 5 - Dimensões de internacionalização da IES	73

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Sentido dos termos da definição de internacionalização de Knight.....	31
Quadro 2 – Plano de internacionalização de Stallivieri (2009).....	43
Quadro 3 – Fonte dos indicadores de internacionalização apresentados	51
Quadro 4 - Procedimentos metodológicos	60
Quadro 5 - Perfil Institucional.....	73
Quadro 6 - Estrutura Administrativa	74
Quadro 7 - Acordos de Cooperação	79
Quadro 8 – Cursos e Currículos	80
Quadro 9 – Estrutura física.....	82
Quadro 10 – Fomento para ações de internacionalização	86
Quadro 11 – Comunicação e visibilidade.....	89
Quadro 12 - Características Discentes.....	90
Quadro 13 - Docentes.....	92
Quadro 14 - Técnicos Administrativos	93
Quadro 15 - Pesquisa e Extensão	95
Quadro 16 - Idiomas.....	98
Quadro 17 – Síntese dos indicadores por dimensão.....	99

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ACE – *American Council Education*
AIU – Associação Internacional de Universidades
ARWU – *Academic Ranking of World Universities*
ASEAN - Associação das Nações do Sudeste Asiático
BRICS – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Capes – PrInt – Programa Institucional de Internacionalização
CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica
CHE – *Center for Higher Education Development*
COMMET - *Community Action Programme in Education and Training for Tecnology*
CRUB – Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras
ECTS - *European Credit Transfer and Accumulation System* (Sistema Europeu de Transferência e Acumulação de Créditos)
ERASMUS - *European Region Action Scheme for the Mobility of University Students*
EUA – Estados Unidos da América
FAUBAI – Fórum das Assessorias das Universidades Brasileiras para Assuntos Internacionais
GT – Grupo de Trabalho
IES – Instituição(ões) de Ensino Superior
IF – Instituto(s) Federal(is)
INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira
JCR – *Journal Citation Reports*
MEC – Ministério da Educação
MERCOSUL – Mercado Comum do Sul
MINT – *Constituents of the Mapping Internationalization*
NCCU – *Nacional Chengchi University*
NIAD-UE – *National Institution for Academic Degrees and University Evaluation*
OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OEA – Organização dos Estados Americanos
ONG – Organização não governamental
PAEX - Programa de Apoio a Eventos no Exterior
PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional
PSDE - Programa Institucional de Doutorado-sanduíche no Exterior
PPC – Projeto Pedagógico de Curso
PPG – Programa de Pós-Graduação

PROPG – Pró-reitora de Pós- Graduação
PVE - Programa Professor Visitante no Exterior
RUF – Ranking Universitário da Folha
SETEC - Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
SINAES - Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior
TEMPUS - *Trans European Mobility Scheme for Universities*
THE – *Times Higher Education*
TOELF – *Test of English as a Foreign Language* (Teste de Inglês como Língua Estrangeira)
UC – Unidade Curricular
UE – União Europeia
UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UTFPR – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	23
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	25
1.2 OBJETIVOS	25
1.3 JUSTIFICATIVA	26
1.4 ESTRUTURA.....	27
2 INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR ...	29
2.1 SOBRE A DEFINIÇÃO DO TERMO INTERNACIONALIZAÇÃO RELACIONADO À EDUCAÇÃO SUPERIOR.....	29
2.2 HISTÓRICO	33
2.3 MODELOS DE INTERNACIONALIZAÇÃO	40
3 ACOMPANHAMENTO DA INTERNACIONALIZAÇÃO NA IES.....	45
3.1 DEFINIÇÕES SOBRE CONCEITOS RELACIONADOS À INDICADORES	45
3.2 GESTÃO POR INDICADORES	47
3.3 DOCUMENTOS CONSIDERADOS NA PESQUISA	51
3.3.1 Instrumentos oficiais de avaliação institucional e de reconhecimento de cursos	52
3.3.2 Outras pesquisas de acompanhamento da internacionalização	53
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	55
4.1 MÉTODO DE RACIOCÍNIO.....	55
4.2 NATUREZA DA PESQUISA	57
4.3 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	57
4.4 DELINEAMENTO DA PESQUISA	58
4.5 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	59
4.6 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS.....	59
4.7 LIMITAÇÕES DA PESQUISA	60
5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA	63
5.1 DOCUMENTOS CONSIDERADOS PARA COLETA DOS INDICADORES	63
5.2 INSTRUMENTO DE ACOMPANHAMENTO DA INTERNACIONALIZAÇÃO NA IES	72
5.3 SÍNTESE E FORMAS DE APLICAÇÃO DO INSTRUMENTO.....	99
6 CONCLUSÃO	103
REFERÊNCIAS	107

1 INTRODUÇÃO

A busca por conhecimentos científicos além das fronteiras territoriais das nações, apesar da evidência recente, ocorre desde antes de Cristo. Porém, durante a Idade Média os movimentos de internacionalização foram se enfraquecendo, tornando-se por muito tempo parte da realidade de uma pequena elite social (COELHO, 2016; STALLIVIERI, 2017).

Nesse contexto, a universidade é uma instituição que desde sua gênese, no século XII, apresenta dentre suas características a busca e a troca de experiências e de conhecimentos científicos para além das divisas de seus países.

Já no século XX, diante do cenário de globalização, onde o conhecimento e as interações extrapolam ainda mais as fronteiras, inserem-se as Instituições de Ensino Superior (IES), buscando o aprimoramento da formação educacional e o fortalecimento da instituição para o desenvolvimento científico-tecnológico.

O conjunto dessas interações na Educação Superior que envolvem partes em diferentes países é conhecido como internacionalização da Educação Superior.

Segundo o ensinamento de Knight (2003) internacionalização da Educação Superior é definida como um processo de integração nas dimensões internacional, intercultural e global dos propósitos, funções ou entrega da Educação Superior.

Deve ser considerada como um processo, porque é um esforço coletivo e contínuo em desenvolvimento, devendo adaptar-se e refletir as prioridades e particularidades de um país, de uma instituição ou de um grupo específico de partes interessadas. (VEIGA, 2011).

A manifestação da internacionalização da universidade ocorre de modo transversal, sendo observada em todos os ambientes das instituições, contemplando as atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão da universidade (STALLIVIERI, 2017).

Nota-se que a expansão da internacionalização nas atividades da Educação Superior é evidenciada em quantidade, qualidade, volume, âmbito, direcionamento e objetivos, claramente identificada pelo aumento significativo na participação em congressos, seminários, eventos, programas de intercâmbio e publicações em revistas científicas e periódicos internacionais (STALLIVIERI, 2017).

De acordo com Hudzik (2011), a nova configuração global das economias, sistemas de comércio, pesquisa e comunicação, bem como o impacto de forças globais sobre a vida local, expandem a necessidade de

internacionalização abrangente e as motivações e propósitos que a conduzem.

Internacionalização abrangente é um compromisso, confirmado através de ação, para infundir perspectivas internacionais e comparativas ao longo das missões do Ensino Superior de ensino, pesquisa e extensão, que deve ser abraçado por todos os atores das IES, interferindo, não somente a vida no campus, mas os quadros externos da instituição, suas parcerias e relações e que pode impactar em mudanças significativas nas características e nos valores institucionais (HUDZIK, 2011).

Avaliando o contexto da internacionalização, Howlett (2013) declara que a internacionalização cria oportunidades para que se aprenda com as experiências políticas. E que essas experiências podem ser reinterpretadas e adaptadas para se ajustarem a política pública nacional. Contudo ressalta que os atores mais poderosos exercem influência, para que as outras nações se conformem às suas preferências políticas. Portanto a universidade deve estar atenta a esses movimentos e conhecer suas potencialidades e fragilidades, para que, valendo-se da autonomia universitária, possa manter suas características locais e estabelecer estratégias de desenvolvimento de seus objetivos.

De acordo com Chaves e Castro (2016), a internacionalização da Educação Superior contribui também para a justiça e equidade social entre os países, considerando que as instituições tem a responsabilidade social de ajudar no desenvolvimento da sociedade na busca por soluções comuns.

Em sentido amplo, a internacionalização da universidade pode contribuir para reflexão das próprias práticas e/ou conhecimento de diferentes dimensões culturais para combate a preconceitos, oferecendo uma plataforma firme para o respeito e a dignidade nas relações humanas.

Pode-se observar que a internacionalização é incentivada como política no âmbito global e considerada como critério de avaliação da Educação Superior por organismos internacionais que debatem os rumos da Educação Superior, como vemos em UNESCO (1998).

A internacionalização está cada vez mais presente nos rankings acadêmicos nacionais e internacionais como indicador de avaliação das IES e dos cursos de graduação e pós-graduação.

No âmbito nacional a internacionalização também é considerada nos instrumentos para avaliação dos cursos e das IES instituídos pelos órgãos de controle governamentais, como o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (INEP) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que avaliam a

graduação e a pós-graduação no Brasil.

Assim considerando a importância e a relevância do tema, e visando o alcance dos objetivos deste trabalho que adiante serão pormenorizados, são apresentadas definições que envolvem o tema, buscando-se o acompanhamento do processo de internacionalização da Educação Superior, assim como os impactos que causam na estrutura das IES e sistematicamente aos atores envolvidos.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Como já apresentado, internacionalizar a universidade, não significa exclusivamente enviar e/ou receber mais alunos por meio dos intercâmbios acadêmicos. Existem diversos indicadores de ensino-aprendizagem, pesquisa e cooperação interinstitucional que indicam os níveis de internacionalização da universidade.

Diante dessa situação mostra-se premente a necessidade de conhecimento e acompanhamento dos indicadores que podem contribuir e/ou interferir na internacionalização das IES.

Também para que a instituição possa estabelecer suas metas e traçar estratégias claras é necessário compreender e acompanhar a situação atual em que se encontra em relação aos indicadores de internacionalização.

Nesse cenário, apresenta-se a seguinte pergunta de pesquisa: Quais os indicadores podem contribuir para o acompanhamento e gestão da internacionalização das IES?

1.2 OBJETIVOS

No anseio de encontrar resposta ao problema dessa pesquisa, firma-se como objetivo geral deste trabalho propor um instrumento de acompanhamento de internacionalização da IES.

Para atender a este objetivo geral, são estabelecidos como objetivos específicos:

- a) identificar os indicadores de internacionalização da Educação Superior;
- b) analisar a importância dos indicadores para a internacionalização das IES;
- c) relacionar os indicadores de internacionalização de IES;

1.3 JUSTIFICATIVA

O conhecimento dos indicadores de internacionalização, por meio de um instrumento claro, é importante porque denota quais os rumos que a internacionalização tem seguido e verifica se corrobora com as recentes pesquisas realizadas na área de estudo. Na prática, o acompanhamento dos indicadores de internacionalização nas IES é importante e pode auxiliar os gestores da instituição no acompanhamento, na avaliação, na tomada de decisão e na definição de políticas e estratégias institucionais para o alcance de seus objetivos, quais sejam, a excelência do ensino, da pesquisa e da extensão.

Por meio dos resultados da internacionalização, as instituições podem perceber mais recursos e as universidades que não instrumentalizam suas ações para atender a esse novo modelo estão sujeitas a pagar o preço da exclusão, isolando-se no que se refere a formação cultural, científica e profissional.

A lacuna encontrada no tema e que esta pesquisa pretende elucidar, corresponde a uma grande dificuldade das IES e dos setores educacionais relacionados à internacionalização da Educação Superior, que é a falta de informações disponíveis de forma transparente a quem possa interessar sobre os dados das ações de internacionalização das IES, que podem ser verificados por meio de indicadores. Contudo, são inúmeras ações que podem ser relacionadas direta ou indiretamente à internacionalização e esses indicadores encontram-se dispersos em diversas literaturas e instrumentos de acompanhamento e avaliação das instituições.

Atualmente, mesmo as pesquisas mais aplicadas desenvolvidas na área que buscam desenvolver modelos estratégicos para o desenvolvimento da internacionalização das instituições, apesar de demonstrarem a necessidade de conhecimento da real situação da instituição, para definição de planos de desenvolvimento, essas pesquisas pouco contribuem para mostrar quais os dados são necessários serem coletados para que se tenha um diagnóstico da internacionalização institucional.

As pesquisas que mais avançam nesse quesito apontam um rol genérico de indicadores, que apesar de importantes, não são suficientes para realização de uma avaliação da internacionalização.

Percebe-se ainda a necessidade e atualidade do tema quando se vê que a Portaria CAPES n. 220, de 03 de novembro de 2017, instituiu um novo Programa Institucional de Internacionalização de Instituições de Ensino Superior e de Institutos de Pesquisa do Brasil e dispõe sobre as

diretrizes gerais do Programa às quais as instituições de Ensino Superior apresentam seus planos de internacionalização como requisito para obtenção dos recursos de incentivo. Demonstrando assim a necessidade premente de que as instituições têm de conhecimento e acompanhamento de seus dados, para que possam realizar da melhor forma o planejamento e gestão das ações de internacionalização das IES.

A pesquisa apresentada é viável, uma vez que utiliza de meios disponíveis nas principais bases de dados e recursos disponíveis na rede mundial de computadores, assim como poderão ser utilizados de literaturas e quaisquer outros meios que possam ter importância científica que estejam ao alcance do pesquisador, buscando sempre o alcance dos objetivos propostos, sendo assim de baixo custo e possibilidade de alto impacto, e porventura quaisquer custos eventuais serão arcados pelo pesquisador.

Importante destacar que a pesquisa faz parte do requisito para obtenção do grau de Mestre em Administração Universitária, pelo Programa de Pós-Graduação em Administração Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina e está inserida em uma grande área de concentração desenvolvida pelo programa intitulada “Gestão Universitária”, que busca estudar e aplicar sistemas, modelos, técnicas e políticas para a profissionalização das instituições de educação superior, considerando a complexidade de sua gestão e sua importância para o desenvolvimento da sociedade. A essa área de concentração está vinculada a linha de pesquisa “Análises, Modelos e Técnicas em Gestão Universitária” que tem como objetivo o estudo e análise de modelos e técnicas que podem ser aplicadas às Instituições de Educação Superior (PPGAU, 2017).

Assim, a presente pesquisa, que busca realizar uma análise dos indicadores relacionados a internacionalização da IES, contribui para a área em que está inserida no sentido de que colabora para a construção de um instrumento de acompanhamento e avaliação das instituições sobre as ações de internacionalização, e abrem possibilidades de novos estudos na área a partir da compilação dos indicadores e das informações que por meio deles poderão ser coletadas.

1.4 ESTRUTURA

Para atender aos objetivos propostos, a presente pesquisa estrutura-se em cinco tópicos principais.

Apresentada a introdução no primeiro capítulo foi realizada uma contextualização do tema, expondo o principal problema que norteia a

pesquisa, assim com os principais objetivos a serem alcançados na proposta em tela.

No capítulo referente a fundamentação teórica são apresentados as principais concepções acerca do tema, basilares para o desenvolvimento da pesquisa. Nesse sentido é apresentada a revisão da literatura relacionada à internacionalização da Educação Superior realizada nas principais bases de dados, literaturas e outros documentos relacionados ao tema.

Ainda tratando-se de fundamentação teórica, segue mais um capítulo que trata especialmente sobre as principais abordagens teóricas acerca de indicadores e avaliação no contexto da Educação Superior.

Em seguida são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados para o levantamento das informações, apresentando a caracterização da pesquisa com o tipo e a natureza do estudo, as técnicas e instrumentos de coleta e análise de dados, bem como análise das limitações e dificuldades encontradas na realização da pesquisa.

Em seguida, na apresentação dos resultados, são apresentadas as informações coletadas na pesquisa, acompanhada de uma análise minuciosa, confrontando com os conhecimentos adquiridos na fundamentação teórica, apresentando como resultado um instrumento composto por diversos indicadores para acompanhar o processo de internacionalização na IES.

E no capítulo final, realiza-se uma revisão de todo o trabalho apresentado, carreando as principais considerações finais obtidas com a realização do trabalho, demonstrando o alcance dos objetivos propostos.

2 INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

A internacionalização da Educação Superior tem ganhado cada vez mais atenção no cenário mundial diante do contexto de economia globalizada dos séculos XX e XXI. No Brasil, apesar da relevância do tema e da atenção a ele dispensada, carece de ajustes necessários para torna-la mais eficiente (CAPES, 2017a).

Diversos são os termos ou expressões utilizadas para tratar do tema de internacionalização, ainda mais quando se trata do assunto relacionando-o à Educação Superior.

Girando em torno do tema, o mais popular e conhecido termo associado à internacionalização é a mobilidade acadêmica de alunos, mais conhecido como intercâmbio. Porém a literatura aponta que muitos outros aspectos compõem a internacionalização da Educação Superior. E compilar esses aspectos em forma de indicadores para poder acompanhá-los na gestão universitária, contribuindo para o aprimoramento e alcance dos objetivos institucionais é o fundamento deste trabalho conforme esclarecido no capítulo anterior.

Para alcance dos objetivos e para elucidação do tema, neste capítulo são apresentadas as principais concepções que envolvem o tema e a contextualização histórica da internacionalização relacionada à Educação Superior, com o fim de colaborar com a análise dos dados coletados e a compreensão dos resultados obtidos.

2.1 SOBRE A DEFINIÇÃO DO TERMO INTERNACIONALIZAÇÃO RELACIONADO À EDUCAÇÃO SUPERIOR

Vários são os termos utilizados para referir-se às atividades de internacionalização, alguns até tratados pelo senso comum como sinônimos, apesar da significação distinta.

Para o prosseguimento dos estudos é fundamental a apresentação dos conceitos de alguns termos recorrente ao se tratar da internacionalização ligada à Educação Superior.

Vale ressaltar que as concepções adiante apresentadas estão em constante revisão, de acordo com o contexto histórico e o aprofundamento teórico, influenciando nas definições de nomenclaturas, funções, abordagens e concepções que envolvem o tema em contínuo desenvolvimento.

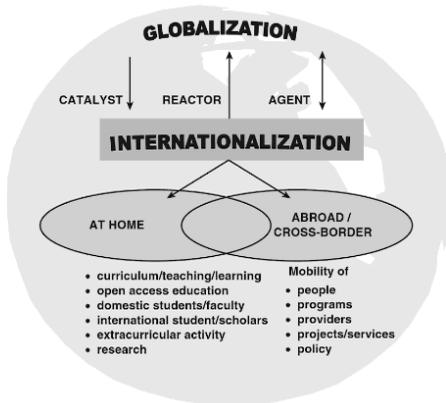
A globalização pode ser definida pela crescente integração e uniformização de padrões mundiais econômicos e culturais, pelas novas tecnologias de informação e comunicação, pelo surgimento de uma rede

de conhecimento internacional e por outras forças que estão fora do controle das instituições acadêmicas e que envolvem diversos temas de ordem política, econômica e social (ALTBACH; REISBERG E RUMBLEY, 2009).

O fenômeno mundial da globalização, que se desenvolveu cada vez mais a partir do final dos anos 1990 e início do século XXI, incentivado pelos avanços tecnológicos e pela maior facilidade na locomoção e comunicação, interfere diretamente nas relações comerciais, pessoais e inclusive educacionais, impondo novos desafios a governos e empresas, de forma a alterar os parâmetros de seu funcionamento e as necessidades profissionais (EDUCATION AT A GLANCE, 2012).

Nesse contexto, a internacionalização na Educação Superior pode ser considerada como a variedade de políticas e programas que universidades e governos implementam para responder às demandas da globalização (ALTBACH; REISBERG E RUMBLEY, 2009; LAGO, 2015).

Figura 1 - Relação entre globalização e internacionalização



Fonte: Knight, 2012.

O termo internacionalização relacionado à Educação Superior passou a ser utilizado a partir da década de 1980 para tratar, de modo mais abrangente, dos estudos internacionais, do intercâmbio acadêmico e da assistência técnica (KNIGHT, 2012).

A concepção de internacionalização ainda é bastante discutida entre os estudiosos da área, dada a complexidade e abrangência que o tema envolve. Abaixo destacamos algumas definições sobre

internacionalização.

Em um trabalho desenvolvido por Francis (1993), a internacionalização do Ensino Superior foi definida como um processo que prepara a comunidade acadêmica para participar num mundo cada vez mais interdependente, abrangendo diferentes aspectos que envolvem o ensino superior, estimulando um entendimento global e desenvolvendo habilidades para viver e trabalhar de maneira efetiva num mundo diverso.

Para Rudzki (1998), a internacionalização do ensino superior é um processo de inovação e mudança organizacional, com o propósito de alcançar excelência no ensino, na pesquisa e em outras atividades assumidas como parte de sua função.

Segundo o entendimento de Sebastián (2004), a internacionalização das universidades é o processo de introdução da dimensão internacional na cultura e na estratégia da institucional, nas funções de ensino, pesquisa e extensão e na projeção de oferta e capacidades da universidade.

Ainda no esforço de uma definição conceitual preleciona Jane Knight (2004) que

internacionalização nos níveis nacional, setorial e institucional é definida como um processo de integração nas dimensões internacional, intercultural ou global dos propósitos, funções e entrega da educação (KNIGHT, 2004, p. 5) (tradução livre).

Segundo a autora, cada termo foi escolhido para destacar importantes aspectos na definição proposta.

Quadro 1 - Sentido dos termos da definição de internacionalização de Knight

	Processo	usado para transmitir que a internacionalização é um esforço contínuo e constante.
	Integração	utilizado para denotar o processo de infundir ou incorporar a dimensão internacional e intercultural em políticas e programas para garantir que a dimensão internacional permaneça central, não marginal e sustentável.
Nível	Nacional	inclui órgãos governamentais e ONGs que de qualquer maneira estejam envolvidas com a internacionalização do ensino superior.
	Setorial	estão incluídos os atores envolvidos diretamente no processo de internacionalização

		do Ensino Superior.
	Institucional	está relacionado às próprias instituições de ensino superior.
Dimensão	Internacional	sentido de relações entre nações, culturas ou países.
	Intercultural	se relaciona com a diversidade de culturas que existem dentro dos países, comunidades e instituições.
	Global	fornecer a sensação de alcance mundial.
Educação Superior	Propósito	refere-se ao papel geral e aos objetivos que o ensino superior tem para um país ou a missão de uma instituição.
	Função	refere-se aos elementos primários ou tarefas que caracterizam um sistema nacional de Ensino Superior ou instituição individual, incluindo ensino, pesquisa e extensão.
	Entrega	refere-se à oferta de cursos e programas de educação, tanto no país como em outros países.

Fonte: elaborado pelo autor com base em Knigh (2004).

Apesar das diferenças de foco, abrangência e abordagem, as concepções apresentadas compartilham um tipo de definição comumente aceita de internacionalização como processo intencional de integrar dimensão internacional ou global à Educação Superior (KNIGHT, 2004; WIT, 2015).

Além do conceito apresentado, no processo de internacionalização existem outros aspectos e termos considerados que merecem esclarecimento.

Mais tradicional e mais conhecida no meio universitário, a mobilidade acadêmica, como parte do processo de internacionalização, refere-se ao deslocamento de pesquisadores, docentes, alunos e técnicos de IES nacionais e estrangeiras para cursar disciplinas, participar de programas de formação e/ou projetos de pesquisa e extensão. A mobilidade acadêmica, geralmente, é parte de um acordo de trabalho interinstitucional, nacional ou internacional, podendo ser parte de políticas ou programas, embora seja possível que o fluxo de pessoas se desenvolva a partir da iniciativa dos próprios sujeitos ou como parte de projetos específicos (ALMEIDA, 2016).

Segundo o ensinamento de Stallivieri e Gonçalves (2015), a mobilidade acadêmica internacional passa a ser um diferencial competitivo aos profissionais que buscam seu ingresso no mercado de trabalho. O estudante ou o pesquisador que vivencia uma experiência

internacional pode desenvolver a sua sensibilidade intercultural, tornando-se mais tolerante, mais flexível, mais solidário e demonstrando possuir empatia com relação às dificuldades do outro, além dos ganhos já reconhecidos como a habilidade de comunicação em línguas estrangeiras.

No entanto além da mobilidade acadêmica existem outros fatores que contribuem para o fortalecimento da internacionalização da Educação Superior. Podemos destacar como relevantes nesse processo as publicações científicas em revistas e eventos internacionais, a capacitação de alunos, técnicos e docentes na relação com outras culturas, mais evidenciado no conhecimento de línguas estrangeiras, a infraestrutura da IES adequada e adaptada a receber estrangeiros, o financiamento para o apoio durante a permanência dos estudantes e pesquisadores, as parcerias para colaborações internacionais e aplicação e difusão internacional dos conhecimentos produzidos pela comunidade acadêmica e a utilização dos recursos tecnológicos para maior alcance das atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Para Bido (2015), a internacionalização da IES pode ser verificada por meio de programas acadêmicos, incluindo intercâmbio para a comunidade acadêmica que vai a eventos internacionais e estudos de língua estrangeira, currículo internacionalizado, estudo de áreas temáticas, empregabilidade no exterior, dupla diplomação, capacitação intercultural, acordos de pesquisas internacionais e ações de extensão, envolvendo projetos comunitários interculturais e a criação de programas educacionais em outros países.

Esses fatores serão levantados e melhor apresentados nos resultados dessa pesquisa, porém antes disso considera-se importante apresentar um levantamento histórico do curso da internacionalização na educação superior e alguns modelos estratégicos de internacionalização encontrados na revisão da literatura.

2.2 HISTÓRICO

Quando se fala em internacionalização na área de Educação Superior, verifica-se que a concepção confunde-se com a própria ideia de universidade, no sentido de que privilegiam o intercâmbio de informações para o desenvolvimento do conhecimento.

Certo de que à universidade do século XXI foram atribuídos novos papéis relevantes no seio da sociedade, cabe aqui uma revisão histórica de momentos relevantes relacionados à internacionalização da Educação Superior, apresentado com base na pesquisa de Stallivieri

(2017).

Na busca pelo conhecimento, ainda antes de Cristo, os jovens viajavam para aprofundar seus estudos em áreas como filosofia, letras, literatura e artes. (STALLIVIERI, 2017).

Durante o Império Romano, houve a importação de professores gregos para fundar as primeiras escolas em Roma. (STALLIVIERI, 2017).

E nessa linha alguns locais passam a ser conhecidos e reconhecidos por sua excelência em determinadas áreas do conhecimento. (STALLIVIERI, 2017).

Durante os séculos XII e XIII, o conceito de universidade fortaleceu-se e estabeleceram-se, cada vez mais, como referência mundial; alguns locais como Paris na área de Teologia, Orleans e Bolonha no estudo do Direito e Salerno na área de Medicina. (STALLIVIERI, 2017).

Nos séculos XIV, XV e XVI, várias universidades já haviam sido criadas, e a mobilidade estudantil desenvolveu-se como uma necessidade para os estudantes, uma vez que o espírito renascentista estimulou o desejo pelo conhecimento e pela experiência em locais como Florença, Cambridge e Basel. (STALLIVIERI, 2017).

Nos séculos XVII e XVIII, surge o Grand Tour. Trata-se de um movimento de mobilidade estudantil, especialmente para os estudantes diferenciados: os melhores estudantes das universidades. Esses estudantes realizavam seus estudos nas melhores instituições de Ensino Superior da Europa, especialmente na Alemanha, Itália, Grã-Bretanha e França. Este movimento garantia prestígio tanto para os estudantes quanto para as universidades que os acolhiam. No retorno ao país de origem, o estudante aplicava seus conhecimentos aprendidos e garantia o desenvolvimento das suas regiões de origem. (STALLIVIERI, 2017).

Com a Revolução Industrial, percebe-se um aumento do número de viagens estudantis decorrente da multiplicação dos meios de comunicação e da facilidade de acesso aos meios de transporte. Os estudantes que retornavam de seus intercâmbios acabavam por criar centros de estudos em seus países de origem e multiplicavam seus conhecimentos, atraindo pesquisadores e estudantes de todas as partes do mundo. Esse movimento foi percebido fortemente nos Estados Unidos, que enviavam seus estudantes para a Europa até o final do século XIX. (STALLIVIERI, 2017).

Fim do século XIX nota-se considerável aumento na participação de China e Japão no movimento da mobilidade acadêmica, comparecendo, principalmente, com o envio de seus estudantes ao

exterior. (STALLIVIERI, 2017).

Em 1922, cria-se a Comissão para Cooperação Intelectual cujo objetivo era a criação de um fundo mundial para pesquisas científicas, além do fomento à colaboração internacional por meio da participação de pesquisadores. (STALLIVIERI, 2017).

Em 1930, iniciou-se a utilização da expressão ‘intercâmbio de estudantes’ pelo Instituto Internacional de Cooperação Intelectual, que entende que os intercâmbios culturais são instrumentos indispensáveis para a educação e o desenvolvimento dos jovens, uma vez que não somente oportuniza o aprendizado de idiomas, mas, acima de tudo, assegura o contato com outros povos, fator que estimula novas amizades e desenvolve o conceito de tolerância e entendimento entre as nações. (STALLIVIERI, 2017).

No final da década de 1930, já estavam estabelecidas na Europa mais de 700 organizações com a finalidade de promover intercâmbio cultural. Grandes iniciativas devem ser mencionadas, entre elas a criação do *British Council* e da *Alliance Française*, cujo objetivo era fomentar a criação de programas governamentais de intercâmbio cultural. (STALLIVIERI, 2017).

Em torno de 1946, a comissão *Fulbrighth* dos Estados Unidos exerceu importante papel na definição da educação internacional. As fundações e os governos investiram na formação de jovens no exterior, especialmente para estudos sobre culturas e civilizações estrangeiras, além do recrutamento de estudantes e de professores estrangeiros, desenvolvimento de parcerias internacionais mediante acordos de colaboração etc. (STALLIVIERI, 2017).

No período pós-guerra, importantes movimentos de mobilidade estudantil modificaram o conceito de viagem de estudos para o conceito de aprendizado de convivência pacífica entre os povos. Os conceitos de igualdade, democracia e solidariedade, foram fortemente difundidos com o objetivo de reerguer os países prejudicados pela guerra. Naquela fase surge a expressão ‘compreensão internacional’, pregando os princípios de compreensão mútua e também o conceito de educação internacional, ações decorrentes da necessidade de oferta de assistência aos países devastados. (STALLIVIERI, 2017).

Nesse sentido em 1950, surgiram os primeiros estudos de educação para a paz, e a Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura (UNESCO), e em 1955, no documento intitulado “*Study Abroad*”, reforça a ideia de que os programas de intercâmbio já não têm mais a finalidade de desenvolvimento da ciência ou do aluno, ainda que isso aconteça de forma natural, mas têm,

principalmente, o objetivo de desenvolver a compreensão e colaboração entre as nações. (STALLIVIERI, 2017).

Durante a década de 1970, Surgiram as primeiras publicações sobre comunicação intercultural, tendo como seus principais representantes Larry Sammovar e Richard Porter com a obra *Intercultural communication: a reader* (2000). O *International Journal of Intercultural Relations* começa a ser publicado em 1974, dando ampla difusão sobre o tema. E, em 1976, é criado o *Summer Institute in Intercultural Communications*, considerado a grande Meca para estudantes e pesquisadores do campo da comunicação intercultural. (STALLIVIERI, 2017).

Nesse mesmo período no Brasil, por meio de suas agências nacionais de fomento à pesquisa científica, com recursos do governo federal, organizou setores governamentais de cooperação internacional e estimulou, com forte apoio financeiro, a ida de bolsistas brasileiros para o desenvolvimento de seus estudos de pós-graduação no exterior, especialmente em nível de mestrado e doutorado. Existe uma evidente formação de massa crítica, organizando a intelectualidade brasileira com forte tendência europeia e norte-americana. (STALLIVIERI, 2017).

Na década de 1980, iniciou-se uma nova fase marcada por mobilidade em grande escala, fortemente estimulada pela criação de, pelo menos, 14 programas da União Europeia, dos quais se pode destacar:

a) um dos programas de maior repercussão na comunidade europeia, intitulado Sócrates, desenvolveu mobilidade em diferentes áreas. Desdobrou-se em diferentes programas de cooperação, sendo o mais importante e mais bem sucedido, o *European Action Scheme for the Mobility of University Students* (ERASMUS), que buscava promover a mobilidade de seus estudantes e a cooperação acadêmica entre os países da comunidade europeia, objetivando que 10% de todos os estudantes dos Estados-parte dispendessem um período de estudos em outro Estado-parte;

b) o *Língua*, um programa com o objetivo de favorecer e promover o aprendizado de línguas estrangeiras em vários setores educacionais e profissionais;

c) o *Community Action Programme in Education and Training for Technology* (Commet), por sua vez, propõe a cooperação no âmbito da Comunidade Europeia entre a universidade e a indústria de capacitação para a tecnologia;

d) o programa *Trans European Mobility Scheme for Universities* (Tempus) foi desenhado para integrar, em programas educacionais e de

treinamento, países da Europa Central e do Leste, originalmente Polônia e Hungria. (STALLIVIERI, 2017).

Esses programas abriram espaço para a criação de diversos consórcios de universidades que promoviam a cooperação multilateral e foram responsáveis pelo deslocamento de milhares de estudantes por ano, os quais realizavam períodos de estudos reconhecidos no exterior. (STALLIVIERI, 2017).

Tendo presente o sucesso e a ampliação em larga escala do programa Erasmus, a Comunidade Europeia desenha um programa de mobilidade baseado no reconhecimento dos estudos cursados em outra instituição de Ensino Superior. Estabelece, então, o *European Credit Transfer System* (ECTS). Inicialmente, durante alguns anos, o programa contemplou um esquema-piloto que envolveu apenas 15 departamentos das 5 áreas de estudos. A União Europeia recomendou a inclusão de todas as instituições de ensino Superior que haviam sido contempladas com o programa Erasmus, para que aderissem ao modelo de reconhecimento de estudos e de transferência de créditos, estimulando ainda mais a mobilidade estudantil. (STALLIVIERI, 2017).

No Brasil, decorrente de uma visão de vanguarda do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB), em 1988, é criado um fórum específico para discutir as questões de cooperação acadêmica internacional. O Fórum das Assessorias das Universidades Brasileiras para Assuntos Internacionais (FAUBAI) passa a ser o interlocutor privilegiado para a discussão de propostas e de programas que tratem da inserção do Brasil no cenário da educação internacional. Durante a década de 1990, algumas iniciativas, ainda isoladas, iniciam o registro mais organizado e sistemático do envio de estudantes brasileiros ao exterior, especialmente para estudos de graduação. Ainda sem contornos muito definidos, as universidades brasileiras ingressam nos programas de mobilidade, especialmente para o envio de estudantes, ainda não concorrendo de forma recíproca no recebimento de estudantes estrangeiros. Nesse período muitas universidades institucionalizaram o processo de internacionalização, criando, para isso, estruturas administrativas específicas para tal fim. A criação de departamentos, assessorias, coordenadorias, secretarias ou, ainda, diretorias – com a finalidade de tratar da gestão da cooperação internacional – foi fortemente sentida, especialmente pelo número de novas adesões registradas no FAUBAI. O objetivo maior desses departamentos foi, além de organizar as ações de cooperação internacional, fomentar a mobilidade estudantil e inserir o Brasil nos programas já promovidos pelas agências de intercâmbio acadêmico internacional, como o Serviço

Alemão de Intercâmbio Acadêmico, *Campus France, Fulbright, British Council*, Agência Espanhola de Cooperação para o Desenvolvimento, entre outros. (STALLIVIERI, 2017).

Já em 1998, com a clara determinação da UNESCO sobre a responsabilidade com a cooperação internacional, as instituições de Ensino Superior iniciam uma forte corrida em busca de sua inserção nos programas de mobilidade. Concorria, assim, para o maior envio de estudantes, em decorrência da necessidade de ampliação dos números de seus quadros de mobilidade, necessidade essa que era um dos elementos de garantia de qualidade institucional. (STALLIVIERI, 2017).

Diante da necessidade sentida pelos países da União Europeia com relação à obviedade de firmar seu posicionamento diante da globalização e das novas tendências determinadas para a educação, os ministros de Educação de alguns países europeus assinaram em 1999, a Declaração de Bolonha, que leva em conta três aspectos fundamentais: empregabilidade, mobilidade e competitividade. A interpretação das pressões globais resultou na necessidade de uma reestruturação convergente do sistema de Ensino Superior europeu, promovendo a harmonização curricular. Dessa forma, a mobilidade de estudantes, o reconhecimento de estudos e a consequente transferência de créditos cursados podem ser feitos de maneira institucional, profissional e não somente de forma amigável e baseada em reconhecimento mútuo, como foi a concepção inicial da mobilidade. O objetivo final é o estabelecimento de condições claras para que as instituições de Ensino Superior saiam das fronteiras europeias e tornem-se atrativas e competitivas no mercado da educação mundial. (STALLIVIERI, 2017).

Entre 2001 e 2003, a síntese das declarações da Conferência de Ministros da Educação, realizada em Praga, em 2001, e da Conferência de Berlim, em 2003, estabelece: a criação de um espaço europeu de Educação Superior a ser definido até 2010, com o objetivo de tornar as instituições de Ensino Superior mais atrativas e competitivas frente à concorrência do mercado mundial de educação; a introdução de programas de bacharelado de 3-4 anos, seguidos de programas de mestrado 1-2 anos, totalizando cinco anos de estudo; o apoio para aumentar a mobilidade além do ano corrente de estudos; a cooperação para o desenvolvimento de currículos; ECTS, reconhecimento de diplomas, e garantia de qualidade. (STALLIVIERI, 2017).

No início do século XXI, a exemplo dos movimentos europeus, demais países de outros continentes seguem o modelo desenhado pela Comunidade Europeia, revendo suas estruturas acadêmicas e administrativas com o objetivo de poder concorrer para a participação

em programas oficiais de mobilidade acadêmica internacional. Está evidente que as instituições de Ensino Superior identificaram, na oferta da mobilidade para seus estudantes, um elevado diferencial competitivo e uma maneira de assegurar sua posição nos rankings de avaliação internacional. Mas, acima de tudo, percebem essa oferta como uma forma de garantir a manutenção de seus estudantes no quadro discente da instituição. (STALLIVIERI, 2017).

Em 2008, algumas reuniões ocorreram com a finalidade de preparar as discussões para a futura Conferência da UNESCO (Paris+11). Ou seja, transcorridos 11 anos da Conferência Mundial sobre a Educação Superior em 1998, é chegado o momento de uma nova análise e novas discussões sobre os rumos e desdobramentos seguidos pelo processo de internacionalização e suas ações de cooperação internacional, entre elas a mobilidade acadêmica. Realizada a Conferência Regional de Ensino Superior, em Cartagena das Índias, já sinalizando a posição da América Latina com relação aos temas que serão discutidos pela UNESCO. (STALLIVIERI, 2017).

Em 2010, o governo brasileiro lança o programa Ciência sem Fronteiras, que prevê a destinação de 101.000 bolsas de estudos em quatro anos, destinadas a estudantes de graduação, de pós-graduação e pesquisadores para o desenvolvimento e estudos no exterior. O Programa permaneceu até 2015. (STALLIVIERI, 2017).

Já em 2017, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) lança o Programa Institucional de Internacionalização (CAPES - PrInt) com o objetivo de incentivar a internacionalização de instituições de Ensino Superior e institutos de pesquisa no Brasil como forma de incrementar o impacto da produção acadêmica e científica realizada no âmbito dos programas de pós-graduação. Para esse edital foram contempladas 36 instituições de ensino superior e institutos de pesquisa, com aporte anual de 300 milhões de reais durante 4 anos. (CAPES, 2017).

É possível observar, a partir da revisão histórica apresentada, que a educação passou a ser tratada em perspectiva global, cujas discussões e ações se intensificaram a partir de 1970, tornando-se uma ferramenta na promoção internacional e integração dos países e fundamental para o crescimento pessoal e profissional dos indivíduos.

Um pouco mais tardio, porém no mesmo caminho são os estudos acadêmicos relacionados ao tema. Em levantamento realizado por Morosini e Nascimento (2017), buscando pelo termo Internacionalização da Educação Superior, encontraram no banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

(CAPES), 23 trabalhos publicados entre 2011 e 2014, sendo 12 dissertações de mestrado e 11 teses de doutorado.

No estudo apresentado, Morosini e Nascimento classificam os trabalhos segundo as dimensões global, nacional e institucional propostas por Knight (2004). Na dimensão global, os trabalhos refletem as tensões existentes entre a concepção de internacionalização, como regulação ou como bem público, e um direcionamento à integração cultural. Na dimensão nacional, são discutidas as características do sistema de educação superior no país, que é controlado pela União. Nessa dimensão, dominam as análises das políticas e dos programas governamentais, focados principalmente sob o prisma da mobilidade de estudantes. Por seu turno, a dimensão institucional apresenta monografias sobre práticas de internacionalização na instituição universitária. E apesar desses trabalhos identificarem uma visão positiva da internacionalização, mas, ao mesmo tempo, alertam para o desconhecimento do processo organizacional para tal e o levantamento dos desafios que se colocam. (MOROSINI; NASCIMENTO, 2017).

Nota-se, portanto a necessidade de estudos aprofundados sobre o acompanhamento e a avaliação da internacionalização nas instituições de ensino superior de forma a verificar o real impacto da internacionalização. Esse trabalho busca preencher essa lacuna, buscando reunir os elementos que interferem diretamente no processo de internacionalização da instituição e devem ser monitorados e considerados na definição de estratégias e programas de trabalhos institucionais.

No entanto para prosseguir no aprofundamento do estudo acerca do tema é necessário explorar os estudos em concepções de descritores frequentemente envolvidos no tema para que os resultados sejam melhor aproveitados.

2.3 MODELOS DE INTERNACIONALIZAÇÃO

Como já apresentado, a internacionalização é entendida como um processo que pode ser demonstrado em fases desde o seu planejamento até sua implementação, acompanhamento e avaliação.

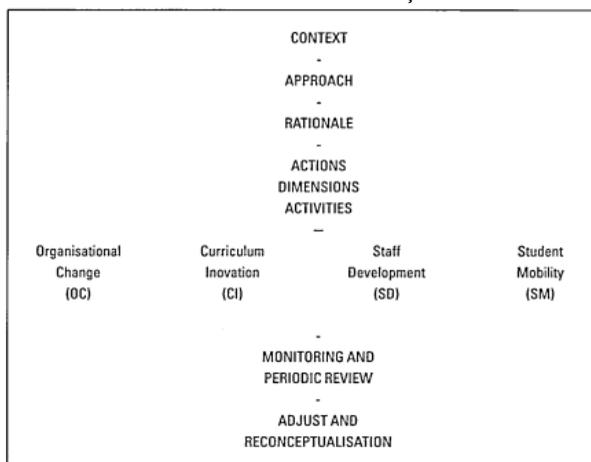
Alguns autores apresentam modelos gerais como ferramentas estratégicas para esse processo, que podem ser aplicados considerando as características e especificidades da realidade institucional (STALLIVIERI, 2009).

Apesar de algumas diferenças entre os modelos apresentados, percebe-se que podem ser considerados complementares à medida que

se utiliza de recursos diferentes para o alcance de objetivos semelhantes.

O modelo de processo fractal de Rudzki (2000), demonstrado, consiste em níveis sequenciais de igual complexidade e importância e são complementares verticalmente, permitindo uma análise criteriosa das ações, seguindo uma sequência de seis estágios: Contexto, Abordagem, Razões, Ações, Monitoramento e Ajuste.

Figura 2 - Processo modelo de internacionalização de Rudzki

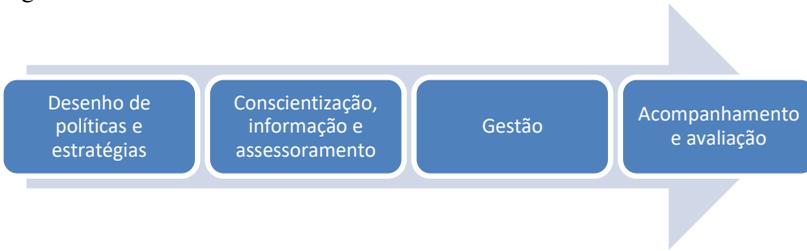


Fonte: Rudzki, 2000.

Para Knight e De Wit (2007), a ferramenta de gestão sugerida por Rudzki (2000) trata-se de um processo linear que fornece informações e ferramentas importantes e úteis para a internacionalização de uma instituição de ensino superior, mas ainda não representa um novo paradigma para a internacionalização estratégica.

Por seu turno, Sebastián (2004), propõe a gestão da internacionalização de IES por meio de um plano estratégico que determina o grau de compromisso institucional com a dimensão internacional. Segundo o autor, a estratégia de internacionalização deve contemplar funções que se encarregue de planejamento, implantação, gestão e acompanhamento. A Figura 3 apresenta o plano de gestão da dimensão internacional nas IES desenvolvido por Sebastián (2004).

Figura 3 - Gestão da dimensão internacional das IES

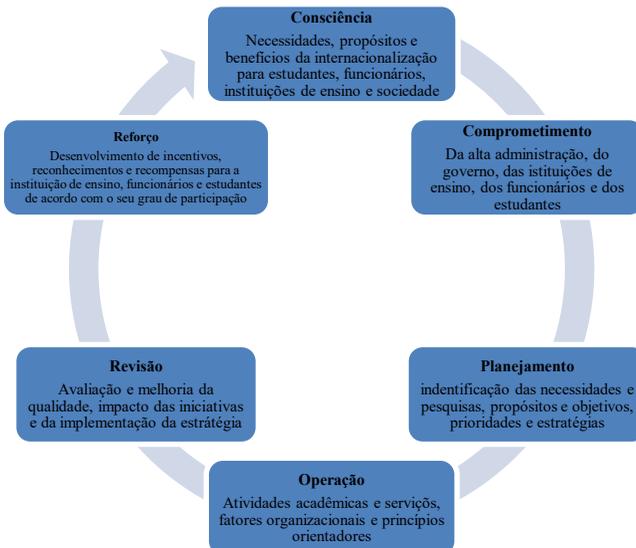


Fonte: elaborado pelo autor com base em Sebastián (2004).

Já Knight e De Wit (2007) apresentam um modelo para o processo de internacionalização como um ciclo contínuo. O modelo de internacionalização como um ciclo é caracterizado por seis fases interconectadas que atendem ao ritmo de cada instituição, por não ser um processo linear.

Neste modelo, Knight e De Wit (2007) apresentam as fases contínuas para a internacionalização do ensino superior. Diferentemente dos autores supracitados, Rudzki (1998) e Sebastián (2004), Knight e De Wit (2007) consideram que a conscientização da comunidade acadêmica deve ser o primeiro elemento a ser considerado para a definição de políticas para a internacionalização na IES.

Figura 4 – Ciclo de internacionalização



Fonte: Knight e De Wit (2007).

Verifica-se novamente no modelo de Knight e De Wit (2007), a relevância do compromisso e envolvimento de governos, administração das IES, alunos, docentes e funcionários em todos os setores da universidade para que a internacionalização tenha sucesso.

Destaca-se também o modelo de internacionalização apresentado por Stallivieri (2009), que apresenta um plano de ação para a inserção da instituição no âmbito internacional.

Quadro 2 – Plano de internacionalização de Stallivieri (2009)

1. Primeiramente a instituição precisa fazer a opção pela internacionalização, considerando a autonomia institucional e seu poder decisório;
2. Realizar um diagnóstico minucioso da realidade interna da instituição, e realizar um diagnóstico do ambiente externo em relação à internacionalização das IES;
3. Identificar os pontos fortes e as fraquezas da instituição para se preparar para atuar com a cooperação recíproca entre instituições;
4. Justificar as razões para as quais se tem interesse em inserir a instituição no âmbito internacional;
5. Definir os objetivos da instituição para com a internacionalização;
6. Identificar as formas de alcance dos objetivos;
7. Apurar os recursos disponíveis e necessários para os objetivos;
8. Elaborar um plano de metas estratégicas para cada objetivo;
9. Definir as formas de implantação do plano de metas;
10 Monitorar a execução do plano de metas;
11 Identificar os resultados obtidos;
12 Avaliar os resultados e identificar se estão de acordo com as capacidades da instituição, das unidades, dos departamentos, etc.;
13 Rever procedimentos do plano de metas;
14 Readequar o plano de metas de acordo com as novas exigências;
15 Monitorar e avaliar constantemente o plano e os resultados.

Fonte: Coelho, 2016, adaptado de Stallivieri, 2009.

Pode-se verificar que todos os modelos apresentam uma fase de definição de políticas e planejamento de estratégias e ações. Mas para que a instituição possa definir suas estratégias e metas torna-se necessário um diagnóstico minucioso da situação da instituição frente à internacionalização.

Para Stallivieri (2009), a realização do diagnóstico interno da instituição nas fases iniciais do plano estratégico de internacionalização é fundamental para que a instituição conheça a sua atual posição internacional, com base nas suas ações, programas e projetos, além de conhecer o seu potencial de oferta e de recebimento para atuação em

cooperações de reciprocidade, a qual há troca de conhecimentos e cultura e não apenas o recebimento acrítico de informações e padrões.

Para que a instituição possa realizar esse diagnóstico preciso, precisa conhecer com clareza quais os indicadores envolvidos no processo de internacionalização. Esses mesmos indicadores servirão como critérios para acompanhamento e avaliação das ações desenvolvidas pelas instituições.

Esse é o propósito da presente pesquisa e para alcance dos objetivos do trabalho são apresentados a seguir alguns instrumentos de pesquisa e avaliação institucional que contém indicadores relacionados à internacionalização.

3 ACOMPANHAMENTO DA INTERNACIONALIZAÇÃO NA IES

Inúmeros são os questionários recebidos, tanto de setores internos quanto de órgãos externos e de pesquisas acadêmicas que buscam compreender quais as ações que as organizações tem realizado e quais os caminhos seguidos ante o processo de internacionalização.

Todo esse processo é uma forma de acompanhar a evolução da internacionalização, tentando mensurar os resultados e compreender o processo institucional de internacionalização envolto de muitos elementos, alguns já mencionados e outros que ainda serão discutidos nesse trabalho.

Assim para melhor compreender as atividades de acompanhamento e avaliação institucionais no campo da educação superior, cabe aqui alguns esclarecimentos sobre as definições adotadas nesse trabalho para esses termos.

3.1 DEFINIÇÕES SOBRE CONCEITOS RELACIONADOS À INDICADORES

Ao se tratar do tema de avaliação, devem ser apresentados e diferenciados alguns conceitos de termos relevantes que estão diretamente ligadas ao tema como: mensuração do desempenho e indicadores.

Esses termos podem ser aplicáveis a qualquer instituição de qualquer natureza que tenha interesse em quantificar suas ações e mensuração do desempenho com finalidades diversas.

Segue a apresentação dos conceitos considerados para a realização da pesquisa, relacionando-os à internacionalização das IES, tema central desse trabalho.

Nesse sentido, Neely, Gregory e Platts (2005, p. 1228) definem mensuração do desempenho como “o processo de quantificação da ação, onde a mensuração é o processo de quantificação e a ação leva a um desempenho”.

Sobre a mensuração do desempenho também é possível entender que

é apropriado se referir à mensuração como um mapeamento de um mundo de objetos reais, eventos ou estados para um mundo abstrato de simbologia; em que os símbolos, por sua vez, são

números com implicações quantitativas. (MASON; SWANSON, 1981, p. 5).

Segundo o ensinamento de Petter Drucker (1987), “o que pode ser medido pode ser melhorado”. Portanto, pode-se depreender que a mensuração do desempenho contribui para a melhoria do processo de internacionalização das organizações.

Por seu turno, a avaliação é etapa fundamental no desempenho organizacional uma vez que “o que é medido e usado nas avaliações deve ser gerenciado” (SALTERIO; WEBB, 2003, p. 41). Segundo Carneiro (2005, p. 146) a avaliação “é um fenômeno complexo e multifacetado, que escapa a uma concepção simplista”. Em razão disso, avaliar é tão essencial à verificação do desempenho das instituições quanto a melhoria de suas estratégias e resultados obtidos na dimensão internacional.

Assim, mensurar e avaliar o sucesso dos objetivos e o impacto da internacionalização é necessário a partir da compreensão do que esse processo significa para a instituição, sendo esse o ponto base para responder a questão de como alcançá-lo e quais caminhos percorrer (HUDZIK; STOHL, 2009). Deve-se levar em consideração que diferentes estratégias exigem distintos requisitos para o sucesso, por isso, a avaliação de desempenho deve se adaptar à orientação estratégica (OLSON; SLATER, 2002).

Para o desenvolvimento deste trabalho, consideramos a definição de indicadores de desempenho como “uma política estatística relevante, número ou descrição qualitativa que fornece uma medida a saber se a universidade, algum aspecto dela, ou o sistema está funcionando como deveria” (AUCC, 1995, p. 3).

Os indicadores de desempenho podem contemplar medidas financeiras e não financeiras. Segundo Johnson in Kaplan (1990) não se alcança desempenho com a utilização de métodos exclusivamente oriundos de informações contábeis-financeiras, ou seja, quantitativos, antes é necessário uma mudança de paradigma ao considerar que o resultado é alcançado por meio da entrega de qualidade, alcance de confiabilidade e flexibilidade. Inclusive, Barney (1996) afirma que as medidas tradicionais contábeis-financeiras indicam o desempenho no passado, não sendo muito úteis para o delineamento das ações e do desempenho futuro das organizações.

Deste modo, há diversas maneiras de categorizar esses indicadores, sendo necessário um posicionamento estratégico uma vez que, tais medidas influenciam o que as pessoas fazem (NEELY;

GREGORY; PLATTS, 2005).

Assim, a próxima sessão apresenta a fundamentação teórica acerca da atuação da gestão por indicadores na internacionalização universitária, suas características e a que se propõem.

3.2 GESTÃO POR INDICADORES

Na internacionalização universitária, muitos países, para garantir a qualidade do processo de expansão de suas atividades no exterior elaboraram códigos de conduta e sistemas de autoavaliação, avaliação por pares, e se submeteram a diferentes tipos certificações. Porém, segundo Horn, Hendel e Fry (2007) quando observado a abordagem utilizada pelos rankings, nota-se que a dimensão internacional vem sendo relegada quase que exclusivamente a contagem do número de estudantes estrangeiros.

Segundo Van Gaalen (2009) ainda não foram desenvolvidos rankings que classificam as instituições exclusivamente pelo seu nível de internacionalização. Além dos rankings nacionais como o Ranking Universitário Folha (RUF) e internacionais como o *Times Higher Education* (THE) e o *Academic Ranking of World Universities* (ARWU), há uma gama de instrumentos que auxiliam as instituições a medir e mapear a internacionalização.

Os objetivos desses instrumentos são dois: ou estão focados na autoavaliação, uma análise de sua própria situação; ou no *benchmarking*, permitindo comparações entre instituições. A autoavaliação é objetiva e não diz nada acerca do desempenho relativo da instituição, servindo para a identificação de deficiências e possíveis soluções. O *benchmarking* acrescenta um foco externo às atividades internas, podendo incluir a dimensão de melhoria ao identificar e implementar as melhores práticas (VAN GAALLEN, 2009).

No processo de escolha dos indicadores também é importante considerar as próprias metas, e se os dados podem ser obtidos dentro de uma ou mais séries de tempo (BRANDENBURG et al, 2009). Segundo Knight e De Wit (1999) essa ferramenta de avaliação não pode ser considerada uma prática prescritiva ou uma padronização das abordagens e procedimentos para a internacionalização, antes deve ser considerada como um exercício de autoaperfeiçoamento da dimensão internacional.

O processo de autoavaliação e revisão externa por parceiros são conduzidos a partir de sete grandes áreas: a) contexto (inter) nacional do sistema educacional e perfil institucional; b) estratégias e políticas de

internacionalização; c) estrutura organizacional e de apoio; d) programas acadêmicos e estudantes; e) pesquisa e colaboração acadêmica; f) gestão de recursos humanos; g) contratos e serviços. Para a OECD (1999) esse processo deve indicar direções para o aperfeiçoamento e mudanças nas estratégias da instituição.

Nesse sentido e de acordo com Beerkens *et al* (2010) é necessário gerar um relatório final constituído de 8 partes: contexto, estratégias e políticas de internacionalização, estrutura organizacional e de apoio, programas acadêmicos e estudantes, programas de intercâmbio e estudantes no exterior, investigação e colaboração acadêmica, contratos e serviços, e conclusão.

Green (2005) relata que em 2001, a *American Council Education* (ACE) realizou um *survey* com 144 universidades de pesquisa acreditadas regionalmente nos Estados Unidos. Os dados foram coletados entre 2001-02 e após análise dos mesmos com base em extensa comparação com a literatura propôs seis dimensões, avaliadas numa escala de 5 pontos (de zero à quatro), para calcular a pontuação geral de internacionalização. As dimensões criadas foram: compromisso articulado, ofertas acadêmicas, infraestrutura organizacional, financiamento externo, investimento institucional no corpo docente, estudantes internacionais e programas estudantis.

A partir desse *survey*, a ACE classificou as universidades participantes em dois grupos: altamente ativos e menos ativos na internacionalização. A pesquisa promovida pela ACE obteve como principais resultados a percepção de que o plano estratégico e as declarações de missão correspondem ao primeiro passo, entretanto não são suficientes para promover um alto nível de internacionalização.

Compreendeu-se também que uma infraestrutura organizacional que suporte a dimensão internacional, o financiamento externo como ponto central e um forte sistema de comunicação contribui para uma alta atividade internacional. O relatório sugere que a presença de estudantes estrangeiros no campus ou no exterior não é o principal contribuinte para as iniciativas de internacionalização.

Segundo a ACE, é necessário oferecer oportunidades de aprendizagem para os estudantes fora da sala de aula e ao corpo docente a oportunidade de conhecimento internacional, financiamento para estudos, participação em eventos e pesquisas, workshops e excursões. Investimentos em experiência internacional de professores são os propulsores de todo esse processo.

Visando a preencher a lacuna em técnicas de avaliação para a internacionalização de Instituições de Ensino Superior (IES) japonesas,

a Universidade de Osaka, por meio do *National Institution for Academic Degrees and University Evaluation* (NIAD-UE), em 2003, configurou uma pesquisa para desenvolver um sistema de automonitoração e avaliação externa. Buscou verificar as ligações internacionais e as atividades de intercâmbio, propondo as seguintes categorias de análise: entrada e saída dos membros do corpo docente, educação e intercâmbio de estudantes, implementação e participação em pesquisa internacional conjunta, cooperação internacional para o auxílio de países em desenvolvimento e outros, e internacionalização das comunidades locais.

Segundo Beerkens et al (2010), durante a realização do estudo, observou-se a necessidade de considerar as características e tamanhos das instituições para garantir uma avaliação objetiva e válida. Paige (2005), professor da Faculdade de Educação e Desenvolvimento Humano da Universidade de Minnesota, desenvolveu um modelo de internacionalização com dez categorias de desempenho e 80 indicadores. As categorias são: 1) liderança universitária para a internacionalização; 2) planejamento estratégico; 3) institucionalização para a educação internacional; 4) infraestrutura; 5) currículo internacionalizado; 6) estudantes e pesquisadores internacionais; 7) estudo no exterior; 8) envolvimento em atividades internacionais; 9) vida no campus - programas curriculares; 10) monitoramento do processo.

Para cada categoria proposta, Paige (2005) desenvolveu indicadores com o intuito de avaliar o desempenho e considerou que a internacionalização do ensino superior está em curso mas que trata-se de um processo complexo que requer um sistema minucioso de monitoramento. Chin e Ching (2009; 2012), por sua vez, com algumas variações do modelo proposto por Paige (2005), apresentaram 12 indicadores para análise dos esforços de internacionalização das instituições de ensino superior de Taiwan, com o objetivo de encorajar, desenvolver e melhorar a internacionalização dessas instituições.

Os indicadores foram criados a partir da revisão de 37 estudos e os resultados das entrevistas individuais realizadas com especialistas estrangeiros em internacionalização, funcionários do escritório local, 158 estudantes e 23 professores da *National Chengchi University* (NCCU), uma universidade pública. Os indicadores desenvolvidos por esses autores foram: 1) compromisso institucional; 2) planejamento estratégico; 3) financiamento; 4) políticas e orientações institucionais; 5) infraestrutura organizacional e recursos; 6) ofertas e currículos acadêmicos; 7) presença na internet; 8) desenvolvimento de

competência e pessoas; 9) estudantes e pesquisadores internacionais; 10) estudo no exterior; 11) vida no campus; e 12) responsabilidade e avaliação de desempenho. Eles compreenderam que múltiplos indicadores e métodos de abordagem direcionam as instituições aos objetivos gerando benefícios à administração e estudantes, e a contribuição para a valorização dos esforços de internacionalização.

Em 2006, a partir de um projeto piloto em quatro instituições alemãs, segundo Brandenburg et al (2009) o *Centre for Higher Education Development* (CHE) propôs indicadores agrupados em três grandes áreas de preocupação: aspectos gerais (69 indicadores), pesquisa (45 indicadores), e ensino e aprendizagem (72 indicadores).

O MINT (*Constituents of the Mapping Internationalization*) iniciou como um projeto piloto em 2008 com 15 instituições holandesas participantes, apresentando-se como uma ferramenta de *benchmarking* e principalmente, de autoavaliação, com foco na política de internacionalização, atividades e estruturas de apoio. Essa ferramenta foi desenvolvida por uma organização holandesa para a cooperação internacional no ensino superior, sendo constituída de quatro partes: objetivos de internacionalização, atividades, instalações e integração na instituição. Como primeiros resultados, o estudo demonstrou que a ferramenta deveria permitir a classificação do grau de importância das atividades de internacionalização (VAN GAALLEN, 2009).

Todos estes e outros estudos visando a definição de indicadores para se avaliar o processo de internacionalização das IES caracterizam a diversidade de enfoques e modelos desenvolvidos. Todos eles, porém, sofrem muitas críticas e parece não haver consenso sobre sua real efetividade. Mesmo que em muitos casos haja semelhanças, também contemplam-se muitas diferenças. Alguns indicadores são projetados para avaliar uma única dimensão, enquanto que outros são mais abrangentes, atuando de forma mais holística (GAO, 2015).

Para Neely, Gregory e Platts (2005) as medidas de desempenho são inadequadas ao apresentarem falta de foco estratégico, incentivar uma visão de curto prazo, não fornecerem informações sobre o que os clientes querem e o que os concorrentes estão fazendo. Eles ainda sugerem que medidas de desempenho de previsão sejam identificadas e desenvolvidas, com o intuito de estimular ação futura. Por isso, como já apontavam Levesque, Bradby e Rossi (1996) essas ferramentas devem ser projetadas para apoiar a melhoria contínua, e ao longo desse processo, distintas partes interessadas devem ser chamadas a participar da identificação dos objetivos, tais como professores, administradores universitários, estudantes e conselheiros, e assim alcançar o propósito de

gerar estratégias de melhorias.

3.3 DOCUMENTOS CONSIDERADOS NA PESQUISA

Considerando que a pesquisa se concentra na elucidação de indicadores para o acompanhamento da internacionalização das instituições brasileiras de ensino, prioriza-se inicialmente a coleta de indicadores presentes em instrumentos oficiais e nacionais.

A partir daí, a pesquisa segue em busca de outros instrumentos e pesquisas que apontem indicadores considerados relevantes para a internacionalização das IES, de forma a construir um instrumento mais completo possível para conhecer por meio de indicadores o desempenho das instituições.

Nesse sentido, foram considerados três tipos de documentos que consideram informações de internacionalização para avaliação e acreditação dos cursos e das instituições de ensino superior: os documentos oficiais de avaliação institucional e de cursos de graduação e pós-graduação no Brasil; as pesquisas sobre a internacionalização das IES realizadas por órgãos governamentais ou internacionais; as literaturas sobre indicadores de internacionalização.

Quadro 3 – Fonte dos indicadores de internacionalização apresentados

Documentos oficiais de avaliação institucional e de reconhecimento de cursos de graduação e pós-graduação	Instrumento de Avaliação Institucional do SINAES
	Instrumento de avaliação de cursos de graduação do SINAES
	Documento de área de avaliação dos Programas de Pós-Graduação
Pesquisas sobre a internacionalização das IES realizadas por órgãos governamentais ou internacionais	A internacionalização na Universidade Brasileira: resultados do questionário aplicado pela Capes
	Levantamento das ações de internacionalização da rede federal de educação profissional e tecnológica
	5ª pesquisa global da AIU sobre internacionalização da educação superior
Literatura sobre indicadores de internacionalização	Internacionalização das Instituições de Ensino Superior em Portugal: proposta de metodologia para construção de indicador do grau de internacionalização (VEIGA, 2011)
	Dimensões e métricas da internacionalização das universidades (SEBASTIÁN, 2011)
	Indicadores efetivos da internacionalização da ciência (CUNHA-MELO, 2015)
	Avaliação da cooperação internacional e do grau

	de internacionalização (SEBASTIÁN, 2004)
--	--

Fonte: elaborado pelo autor.

Adiante são apresentadas mais informações e justificativas sobre os documentos e literaturas considerados para a realização da pesquisa.

3.3.1 Instrumentos oficiais de avaliação institucional e de reconhecimento de cursos

No Brasil, as instituições e os cursos são reconhecidos e avaliados pelo Ministério da Educação (MEC). O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), vinculado ao MEC, tem como missão subsidiar a formulação de políticas educacionais dos diferentes níveis de governo com intuito de contribuir para o desenvolvimento econômico e social do país.

O INEP responsável por realizar a avaliação institucional, atualizou em 2017, o instrumento de acompanhamento das IES. Esse instrumento é composto por nove dimensões, também chamados de eixos, que avaliam a qualidade institucional por meio de indicadores para cada dimensão, em que durante o processo de avaliação são atribuídos conceitos de 1 a 5 para cada indicador.

De semelhante modo, o INEP também realiza a avaliação dos cursos de graduação no país, utilizando do instrumento de avaliação dos cursos que com dimensões e indicadores próprios, segue o modelo avaliativo da avaliação institucional apresentada anteriormente.

Já no âmbito da pós-graduação a avaliação dos programas é realizada pela CAPES, que apresenta instrumentos avaliativos por área de conhecimento, mas que também contem uma série de indicadores que são levados em consideração para a avaliação dos cursos de mestrado e doutorado.

Nos três documentos apresentados, a internacionalização em diferentes aspectos foi considerada relevante para melhor qualidade da instituição e dos cursos avaliados.

Nota-se, portanto, a percepção da necessidade de internacionalização para o desenvolvimento institucional. No entanto, verifica-se que os instrumentos apresentados não contemplam todas as áreas inseridas no processo de internacionalização.

As instituições por sua vez, percebendo a necessidade da internacionalização ainda padecem buscando modernizar suas estruturas para o atendimento dessa nova demanda.

Os indicadores relacionados à internacionalização presentes em

cada um dos instrumentos serão apresentados e analisados dentro de um novo conjunto, como parte dos resultados desse trabalho.

3.3.2 Outras pesquisas de acompanhamento da internacionalização

Além dos instrumentos oficiais para avaliação institucional e dos cursos, mencionados anteriormente, registra-se outros instrumentos que buscam coletar informações a respeito da internacionalização das organizações, que poderão auxiliar nos resultados da presente pesquisa e por isso foram considerados e serão aqui brevemente apresentados.

Um desses documentos trata-se do levantamento das ações de internacionalização da rede federal de educação profissional e tecnológica e resultados do grupo de trabalho de políticas de internacionalização da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC) do Ministério da Educação.

A SETEC é um órgão ligado ao MEC, que responde pela manutenção, supervisão e fortalecimento das instituições que compõem a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica e coordena a política nacional de educação profissional e tecnológica do país. (SETEC/MEC, 2019).

Para a realização do levantamento das ações de internacionalização pela SETEC/MEC foi aplicado em 2017, um instrumento com diversos indicadores à rede federal de educação profissional e tecnológica, composta pelos Institutos Federais (IF's), Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Centros Federais de Educação Tecnológicas (CEFETs), Escolas Técnicas vinculadas às Universidades Federais e o Colégio Pedro II.

Nesse questionário foram levantadas informações institucionais relativas a internacionalização, mobilidade, acordos, projetos com cooperação internacional, idiomas, investimento/financiamento, estrutura, comunicação e dados, participação em eventos e missões internacionais, normativas e regulamento relacionados à internacionalização.

É possível perceber que os indicadores utilizados para compor o levantamento da SETEC/MEC, com as devidas adaptações, podem ser aplicáveis às instituições de ensino superior e contribuir para ampliar a abrangência de itens no instrumento a ser apresentado como resultado desse trabalho e compreender o processo de internacionalização das instituições de ensino superior.

Além do levantamento da SETEC/MEC, foram considerados dois questionários aplicados às instituições de ensino superior para verificar a

situação da internacionalização das instituições.

O primeiro questionário é a 5ª pesquisa global da Associação Internacional de Universidades (AIU) sobre internacionalização da educação superior.

A AIU é uma organização ligada à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), baseada em afiliação que atende à comunidade global de ensino superior através de: análise de perícia e tendências, publicações e portais, serviços de consultoria, aprendizado entre pares, eventos, defesa global. (AIU, 2019).

Desde 2003, a AIU conduz pesquisas globais sobre internacionalização do ensino superior. Cada relatório de pesquisa global da AIU fornece uma análise exclusiva de dados em nível global e regional sobre tendências e desenvolvimentos no campo do ensino superior internacional e políticas relacionadas. Os relatórios da pesquisa global tornaram-se um recurso inestimável para quem trabalha ou se interessa pela internacionalização do ensino superior. (AIU, 2019).

Outra pesquisa considerada foi o questionário aplicado em pela CAPES em 2017, para verificar a internacionalização na universidade brasileira.

A partir da análise dos resultados da pesquisa realizada, a CAPES, lançou as bases para novo programa, conhecido como CAPES - PrInt fundamentado na realidade das IES, que permita seu empoderamento por meio da promoção e fortalecimento de suas estratégias de internacionalização. (CAPES, 2017).

No entanto, analisando os questionários apresentados verifica-se que deixam de abordar aspectos relevantes para o processo de internacionalização, dependendo principalmente das finalidades da pesquisa realizada.

Além disso, foram consideradas bibliografias que apresentam conjuntos de indicadores que devem ser considerados no processo de acompanhamento de internacionalização da educação superior para confrontar os indicadores apresentados nos questionários, bem como subsidiar a proposição de um instrumento mais completo possível que tenha previsão de acompanhamento de todas as áreas afetadas pelo processo de internacionalização das instituições.

Segue no capítulo seguinte a apresentação dos procedimentos metodológicos seguidos para a realização deste trabalho.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A realização desta pesquisa se vale de procedimentos metodológicos, necessários à validação e acreditação do material coletado e produzido no meio científico. Marconi e Lakatos (2017, p. 80) nos ensinam que ciência é “uma sistematização de conhecimentos, um conjunto de proposições logicamente correlacionadas sobre o comportamento de certos fenômenos que se deseja estudar”.

De acordo com Prodanov e Freitas (2013) para que a pesquisa possa ser reconhecida como científica precisa ser lógica, sistemática, coerente, sobretudo, bem-argumentada.

Podemos afirmar ainda que a pesquisa científica se caracteriza pela utilização de métodos científicos que auxiliam o pesquisador no alcance de seus objetivos (MARCONI; LAKATOS, 2017).

Nesse sentido, Gil (2008) afirma que para que um conhecimento possa ser considerado científico, torna-se importante apontar as operações e técnicas utilizadas na pesquisa que possibilitam a sua verificação. Ou, em outras palavras, determinar o método que possibilitou chegar a esse resultado ou conhecimento.

Para corroborar essas afirmações, temos que método é o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista” (GIL, 2008; MARCONI; LAKATOS, 2017).

A seguir serão apresentados os métodos e as técnicas metodológicas empregadas na elaboração e realização dessa pesquisa.

4.1 MÉTODO DE RACIOCÍNIO

Os métodos de abordagem esclarecem os procedimentos lógicos que deverão ser seguidos no processo de investigação científica dos fatos da natureza ou da sociedade. São métodos que se propõem a explicar como se processa o conhecimento da realidade e possibilitam ao pesquisador decidir acerca do alcance de sua investigação, das regras de explicação dos fatos e da validade de suas generalizações. Podem ser incluídos, neste grupo, os métodos: dedutivo, indutivo, hipotético-dedutivo, dialético e fenomenológico (PRODANOV; FREITAS, 2013).

O método de raciocínio empregado nesse trabalho é o método indutivo, pois se apropriando de premissas constatadas na realidade estudada conduzem à elaboração de generalizações.

Sobre o método indutivo, Gil (2008) esclarece que a indução

parte de um fenômeno para chegar a uma lei geral por meio da observação e de experimentação, visando a investigar a relação existente entre dois fenômenos para se generalizar. Temos, então, que “o método indutivo procede inversamente ao dedutivo: parte do particular e coloca a generalização como um produto posterior do trabalho de coleta de dados particulares.” (GIL, 2008, p. 10).

Ainda sobre o método indutivo, Marconi e Lakatos (2017) esclarecem que a indução científica permite a formulação de generalizações para situações que apresentem as mesmas características a partir do estudo de algumas constatações particulares, diferente da indução completa, que só permite a conclusão das afirmações após a análise de cada um dos casos observados que apresentem características semelhantes.

Por seu turno, os métodos de procedimento são etapas mais concretas da investigação, com finalidade mais restrita em termos de explicação geral dos fenômenos estudados, e estão relacionados aos procedimentos técnicos seguidos pelo pesquisador (MARCONI; LAKATOS, 2017). Os métodos de procedimento mais adotados nas ciências sociais são: o histórico, o experimental, o observacional, o comparativo, o estatístico, o clínico e o monográfico. (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Os métodos de procedimento, diferente dos métodos de abordagem, podem ser utilizados em conjunto ou em diferentes fases da pesquisa, com a finalidade de obter vários enfoques do objeto de estudo ou colaborar com a coleta e análise dos dados pesquisados.

Nesse estudo foram utilizados principalmente os métodos de procedimento histórico, observacional e monográfico.

O método histórico considera fundamental estudar a origem das instituições, processos e procedimentos, visando uma melhor compreensão de sua influencia no contexto atual (PRODANOV; FREITAS, 2013; MARCONI; LAKATOS, 2017). Nessa pesquisa utiliza-se desse método para uma revisão histórica dos movimentos de internacionalização relacionados à Educação Superior, assegurando a percepção e relação entre os diferentes aspectos abordados durante a pesquisa.

O método observacional é o método que se vale da observação das manifestações do objeto de estudo em relação a algo que acontece ou já aconteceu sem a interferência do pesquisador (GIL, 2008). Esse estudo vale-se desse método para levantar os diferentes aspectos envolvidos na internacionalização da Educação Superior e que podem ser mensurados por meios de indicadores.

Já o método de procedimento monográfico visa a examinar o tema selecionado de modo a observar todos os fatores que o influenciam, analisando-o em todos os seus aspectos, sendo representativo de outros casos semelhantes (PRODANOV; FREITAS, 2013). Assim utilizado nessa pesquisa proposta, o levantamento dos indicadores poderá ser utilizado por diversas IES que se encontrem em condição semelhante.

4.2 NATUREZA DA PESQUISA

A pesquisa científica pode ser classificada sob diversos aspectos metodológicos. Cada pesquisa, além do núcleo comum de procedimentos têm suas peculiaridades próprias.

Quanto à natureza, a pesquisa pode ser considerada básica ou aplicada. Nesse estudo a pesquisa é considerada aplicada, uma vez que a pesquisa aplicada objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos (PRODANOV; FREITAS, 2013). Nesse trabalho, o objetivo geral é propor um instrumento de acompanhamento de internacionalização da IES, que proporcione às instituições o acompanhamento, avaliação e gestão das ações de internacionalização realizadas pela IES.

4.3 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Quanto à abordagem a pesquisa pode ser classificada como qualitativa ou quantitativa. A pesquisa qualitativa, como é a característica desse trabalho, não se preocupa com a representatividade numérica, mas com o aprofundamento da compreensão de seu objeto de estudo, considerando suas especificidades, valendo-se de diferentes abordagens do contexto em que o objeto está inserido (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009).

A pesquisa qualitativa preocupa-se com aspectos que não podem ser quantificados, no universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. A pesquisa qualitativa é criticada por seu empirismo, pela subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador, devido ao fato de que seus julgamentos e crenças podem contaminar a pesquisa (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009).

Nesse sentido, o objetivo nesse trabalho não é realizar um estudo de caso ou multicaso das IES sobre a sua situação de

internacionalização, mas analisar e apresentar quais os indicadores podem contribuir para a realização desse acompanhamento, gerando subsídios para o acompanhamento, avaliação e gestão da internacionalização da IES.

4.4 DELINEAMENTO DA PESQUISA

O delineamento da pesquisa refere-se ao planejamento da pesquisa em sua dimensão mais ampla, envolvendo o planejamento de coleta, interpretação e análise dos dados, considerando o ambiente e as formas de controle das variáveis envolvidas. Trata-se de uma estratégia ou plano geral que determinam as ações necessárias para realização da pesquisa (GIL, 2008).

Do ponto de vista de seus objetivos, ou quanto aos fins, a pesquisa pode ser considerada exploratória, descritiva ou explicativa.

A pesquisa exploratória, que é o caso desse estudo, busca compreender o objeto de estudo de forma mais aprofundada, sendo realizada em área em que há lacuna de conhecimento sistematizado acerca do tema, com a finalidade de proporcionar mais informações sobre o assunto (GIL, 2008).

Embora existam pesquisas que apontem indicadores de internacionalização, verifica-se que apresentam apenas os principais deles, desconsiderando outros aspectos envolvidos nesse contexto que podem ter impacto relevante na internacionalização.

Quanto aos meios, ou do ponto de vista dos procedimentos técnicos adotados a pesquisa pode ser considerada documental, bibliográfica, experimental, operacional, estudo de caso, pesquisa-ação, pesquisa-participante ou pesquisa *ex-post-facto* (PRODANOV; FREITAS, 2013). Adotando-se nesse trabalho os procedimentos de pesquisa bibliográfica e documental.

A pesquisa pode ser classificada como bibliográfica, quando é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente por livros, publicações em periódicos e artigos científicos, monografias, dissertações e teses, possibilitando ao pesquisador ter contato direto com o material já escrito sobre o assunto da pesquisa, permitindo ao pesquisador a investigação e análise de múltiplos aspectos que podem ser relacionados ao objeto de estudo (GIL, 2008).

Uma contrapartida que pode comprometer a qualidade da pesquisa bibliográfica são as fontes utilizadas, que podem apresentar dados processados ou coletados equivocadamente, induzindo o

pesquisador a erro. Para reduzir esta possibilidade, convém ao pesquisador assegurar-se das condições em que os dados foram obtidos, analisando em profundidade cada informação para descobrir possíveis incoerências ou contradições e utilizar fontes diversas, cotejando-se cuidadosamente (GIL, 2008).

Foi utilizada também na pesquisa a técnica documental, que consiste em recorrer a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico. Elas podem ser classificadas em fontes de primeira mão, como documentos oficiais, reportagens de jornais, contratos etc., ou de segunda mão, que de alguma forma já foram analisados, tais como relatórios de instituições, relatórios estatísticos, entre outros (GIL, 2008).

4.5 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

As fontes bibliográficas e documentais, como utilizadas nessa pesquisa, para Gil (2008) são suficientes para proporcionar ao pesquisador dados em quantidade e qualidade suficiente que evitam a perda de tempo e o constrangimento que caracterizam muitas das pesquisas em que os dados são obtidos diretamente por meio de entrevistas pessoais. Sem contar que em muitos casos só se torna possível realizar uma investigação social por meio de documentos.

Após a busca e seleção das fontes bibliográficas e documentais que se relacionam com o objeto de estudo e podem contribuir para a pesquisa, realiza-se a leitura do material e utiliza-se das técnicas de compilação e fichamento, de forma a reunir sistematicamente e ordenar os assuntos a serem abordados, procedendo a uma organização lógica do assunto para facilitar o desenvolvimento das atividades (MARCONI; LAKATOS, 2017).

As principais categorias de análise utilizadas para a pesquisa das fontes a serem utilizadas foram indicadores, internacionalização e Educação Superior. Foram também realizadas buscas de fontes, documentos e bases de dados em espanhol e inglês para melhor compreender os fenômenos estudados.

4.6 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

O tratamento dos dados, a inferência e a interpretação, por fim, objetivam averiguar a validade e o significado dos dados. Para tanto são utilizados procedimentos analíticos e estatísticos que possibilitam estabelecer quadros, diagramas e figuras que sintetizam e põem em

relevo as informações obtidas. À medida que as informações obtidas são confrontadas com informações já existentes, pode-se chegar a amplas generalizações, o que torna a análise de conteúdo um dos mais importantes instrumentos de análise das informações (GIL, 2008).

A análise de agrupamentos (*clusters*), que se pretende adotada na análise das informações coletadas, segundo Gil (2008) consiste num conjunto de técnicas multivariadas que têm como objetivo agregar objetos com base nas características que eles possuem. Esses objetos, produto da pesquisa, são agrupados de forma tal que cada objeto seja muito semelhante a outros do grupamento em relação a algum critério predeterminado.

4.7 LIMITAÇÕES DA PESQUISA

As limitações da pesquisa podem ser consideradas de ordem física, temporal e conceitual.

Quanto ao escopo físico temos, a pesquisa sobre limitações em seu alcance, uma vez que a literatura consultada pode não abranger todos os aspectos e contextos propostos na pesquisa.

Em relação ao escopo temporal, priorizamos a consulta de fontes bibliográficas e documentais dos últimos 5 (cinco) anos, devido ao fato de limitação de tempo para realização da pesquisa de acordo com as regras do programa em que está inserida. Em alguns casos, foram consideradas fontes fora dessa limitação temporal, por serem consideradas essenciais na apresentação de conceitos fundamentais do objeto de estudo.

Tratando-se das limitações conceituais, o objeto de estudo e a pesquisa ficam limitados e comprometidos ao limite de fontes e revisão da literatura realizada pelo pesquisador. Eventualmente, conceitos considerados importantes podem deixar de ser apresentados, por não terem sido contemplados nas pesquisas pelos mecanismos de busca realizados.

Por fim, antes da apresentação dos resultados, apresenta-se um quadro-resumo com os procedimentos metodológicos apresentados neste capítulo, com o fim de melhor ilustrar ao leitor as técnicas empregadas durante as diferentes fases da pesquisa.

Quadro 4 - Procedimentos metodológicos

Método de Raciocínio	Método de abordagem: indutivo Métodos de procedimento: histórico, observacional e monográfico
----------------------	--

Natureza da Pesquisa	Aplicada
Caracterização da pesquisa	Qualitativa
Delineamento da pesquisa	Quanto aos fins: exploratória Quanto aos meios: bibliográfica e documental
Técnicas e instrumentos de coleta de dados	Leitura, compilação e fichamento
Técnicas e instrumentos de análise de dados	Tratamento dos dados, inferência, interpretação e análise por agrupamentos
Limitações da pesquisa	Física, temporal e conceitual

Fonte: elaborado pelo autor.

5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA

Espera-se com essa pesquisa contribuir com a gestão universitária, apresentando um compilado de indicadores de internacionalização da Educação Superior, que contribuem para o acompanhamento, avaliação e gestão das informações relacionadas a internacionalização nas IES.

A partir dos dados coletados na literatura e nos documentos analisados são apresentados indicadores que podem contribuir para o acompanhamento da internacionalização.

Conhecer os dados é importante, pois além da transparência, as informações que poderão ser geradas a partir dessa pesquisa poderão contribuir para a adoção de políticas, programas e planos estratégicos de ação e desenvolvimento das atividades de internacionalização, tanto por parte das IES como por parte dos governos e setores centrais responsáveis pela adoção e monitoramento dessas atividades, sempre com o objetivo maior de buscar a excelência do ensino, da pesquisa e da extensão do Ensino Superior.

A realização desse estudo é importante porque abre possibilidades de novos estudos na área a partir da coleta dos dados apontados pelos indicadores e das informações que por meio deles poderão ser geradas.

5.1 DOCUMENTOS CONSIDERADOS PARA COLETA DOS INDICADORES

São considerados três tipos de documentos que consideram informações de internacionalização para avaliação e acreditação dos cursos e das instituições de ensino superior: os documentos oficiais de avaliação institucional e de cursos de graduação e pós-graduação no Brasil e relatórios oficiais de situação da internacionalização; os documentos de acreditação de cursos superiores por associações e agências internacionais; as literaturas pesquisadas sobre o tema.

Como já exposto no tópico referente aos instrumentos de avaliação institucional, no Brasil, as instituições de ensino superior e os cursos de graduação e pós-graduação são avaliados periodicamente pelos órgãos governamentais que atuam na regulação e acreditação dos cursos.

O Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) é responsável pela avaliação das instituições e dos cursos de graduação no Brasil.

Para a realização dessa avaliação são utilizados instrumentos de avaliação, compostos por indicadores agrupados em dimensões.

Dentre as dez dimensões consideradas na avaliação institucional, destacam-se os seguintes indicadores que consideram a internacionalização na avaliação e as condições para que a instituição atinja o conceito máximo no determinado quesito:

Eixo 3 – Políticas Acadêmicas

Indicador 3.1 Políticas de ensino e ações acadêmico-administrativas para os cursos de graduação

5 As ações acadêmico-administrativas estão relacionadas com a política de ensino para os cursos de graduação e consideram a atualização curricular sistemática, a oferta de componentes curriculares na modalidade a distância (quando previsto no PDI), a existência de programas de monitoria em uma ou mais áreas, de nivelamento, transversais a todos os cursos, de mobilidade acadêmica com instituições nacionais ou internacionais, e a promoção de ações reconhecidamente exitosas ou inovadoras.

Indicador 3.6 Políticas institucionais e ações de estímulo e difusão para a produção acadêmica docente

5 As ações de estímulo e difusão para a produção acadêmica promovem publicações científicas, didático-pedagógicas, tecnológicas, artísticas e culturais, incentivam a participação dos docentes em eventos de âmbito local, nacional e internacional, e incluem a organização e publicação de revista acadêmico-científica indexada no Qualis.

Indicador 3.8 Política institucional para internacionalização

5 A política institucional para a internacionalização está articulada com o PDI, apresenta atividades voltadas para programas de cooperação e intercâmbio e é coordenada por um grupo regulamentado, responsável por sistematizar acordos e convênios internacionais de ensino e de mobilidade docente e discente.

Indicador 3.12 Políticas institucionais e ações de estímulo à produção discente e à participação em eventos (graduação e pós-graduação)

5 As políticas institucionais e ações de estímulo garantem apoio financeiro ou logístico para a organização e participação em eventos na IES e de âmbito local, nacional ou internacional, e apoio à produção acadêmica discente e à sua publicação em encontros e periódicos nacionais e internacionais. (INEP, 2017 a).

Cabe destacar também o conceito utilizado no instrumento sobre internacionalização:

Internacionalização - Programas e ações que inserem a IES no contexto internacional por meio de cooperação com outras instituições, transferência de conhecimento, mobilidade acadêmica de docentes e estudantes, alunos estrangeiros matriculados na IES, oferta de disciplinas em língua estrangeira, estímulo a publicações e participação em eventos internacionais, participação em processos avaliativos internacionais, entre outros. (INEP, 2017 a)

No instrumento de reconhecimento e renovação de reconhecimento dos cursos de graduação, também aplicado pelo INEP e que segue metodologia semelhante ao instrumento anterior, realiza-se o mesmo exercício de frisar indicadores que consideram a internacionalização na avaliação.

Dimensão 1 – Organização Didático-Pedagógica

Indicador 1.12 Apoio ao discente

5 O apoio ao discente contempla ações de acolhimento e permanência, acessibilidade metodológica e instrumental, monitoria, nivelamento, intermediação e acompanhamento de estágios não obrigatórios remunerados, apoio psicopedagógico, participação em centros acadêmicos ou intercâmbios nacionais e internacionais e promove outras ações comprovadamente exitosas ou inovadoras.

Dimensão 3 – Infraestrutura

Indicador 3.13 Biotérios

Obrigatório para os cursos da área de saúde, desde que contemplado no PPC. Não se aplica para os demais cursos.

5 O biotério atende às necessidades práticas do ensino, possuindo insumos necessários à demanda docente e discente e apresentando protocolos de experimentos de acordo com as normas internacionais vigentes e suporte técnico, experimental e pedagógico. (INEP, 2017 b)

Analisando os instrumentos de avaliação e reconhecimento das instituições e dos cursos de graduação no Brasil, é possível verificar que a internacionalização é considerada como critério de avaliação, porém ainda de forma muito incipiente, desconsiderando aspectos relevantes para a internacionalização da organização.

Verifica-se ainda que entre os dois instrumentos considerado há apenas um indicador específico que avalia a Política institucional para internacionalização, no entanto ele não dá conta de contemplar todas as características relacionadas nessa área.

Tampouco, os demais indicadores relacionados a outras dimensões e que consideram a internacionalização como critério de avaliação, conseguem verificar o impacto da internacionalização nas instituições.

Em relação aos cursos de Pós-Graduação a avaliação é realizada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Para cada área de conhecimento são formulados indicadores pelos pares para avaliação dos cursos.

Para a realização desse trabalho considerou-se o documento de avaliação da área “Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo”, por ser a área em que está inserida o Programa de Pós-Graduação a que este trabalho será submetido. Outras áreas podem apresentar indicadores semelhantes ou muito específicos para aquela área, que não será o foco desse trabalho.

No documento de avaliação da área “Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo”, foram encontradas as seguintes menções à internacionalização nos indicadores presentes:

1.2. Planejamento do programa com vistas a seu desenvolvimento futuro, contemplando os desafios internacionais da área na produção do conhecimento, seus propósitos na melhor formação de seus alunos, suas metas quanto à inserção social mais rica dos seus egressos, conforme os parâmetros da área.

O PPG precisa indicar em seu relatório (para o ano 2016): a) sua estratégia de prospecção de alunos; b) o processo de seleção de candidatos, com os requisitos de entrada, periodicidade de ingresso; c) o número previsto de ingressantes por período; d) um plano de atualização acadêmica dos docentes do corpo permanente e de sua renovação (p.ex., substituição de aposentados). Serão também consideradas as atividades com a finalidade: de ampliar seu impacto local e nacional; de ampliar sua solidariedade com a comunidade acadêmica e não acadêmica; de inserir o programa no plano internacional. Indicador Avaliação qualitativa.

2 – Corpo Docente

2.5. Participação do docente em eventos alinhados com a sua área de atuação

Será contabilizada a publicação ou palestras dos DP em eventos científicos de abrangência nacional ou internacional. Indicador Proporção dos DP com produção ou participação em eventos no quadriênio.

3 – Corpo Discente, Teses e Dissertações

3.5. Apresentação pelos discentes e egressos em eventos alinhados à Proposta do Programa

Será contabilizada a produção dos discentes em eventos científicos, por meio da publicação de trabalhos em anais. Serão considerados eventos científicos regionais, nacionais ou internacionais alinhados à proposta do PPG. Indicador Proporção de discentes com publicação em anais.

IV. CONSIDERAÇÕES E DEFINIÇÕES SOBRE INSERÇÃO INTERNACIONAL

No entendimento da Área, a inserção internacional de um PPG é sua efetiva influência na

comunidade da área de conhecimento atuando fora do Brasil. O grau de inserção internacional está relacionado com a amplitude desta influência e a importância dos interlocutores estrangeiros. Assim, a competência de seus atores é fundamental para construir e manter esta influência. A preparação dos discentes e egressos para permitir que estes possam competir pelas melhores posições de trabalho no mercado internacional poderia ser a medida de inserção internacional que mais bem refletisse o papel de um PPG de formação de novos pesquisadores. Outras formas de se observar e avaliar a inserção internacional são usadas, além da empregabilidade no mercado internacional. Estas, em geral, consideram a atuação dos pesquisadores – docentes, discentes e egressos - em grupos de pesquisa fora do Brasil. O trânsito que se avalia é nos dois sentidos, ou seja, pesquisadores do Brasil para o exterior e os estrangeiros vindo para o Brasil. Também são usadas avaliações dos resultados das atuações em conjunto, por meio das publicações bibliográficas em periódicos e livros ou produtos tecnológicos. A partir da análise do conjunto de publicação do PPG é possível visualizar a rede de relacionamentos deste grupo e a importância das conexões existentes. Outros elementos podem apontar a influência e o prestígio de pesquisadores, o que supostamente transborda para o seu grupo (PPG). Neste caso, observa-se a atuação dos docentes como diretores ou presidentes de sociedade científica internacional, ou como editores de periódicos relevantes para a comunidade internacional da área, etc. A Área entende que a inserção internacional é facilitada pela mobilidade dos docentes, discentes e egressos dos PPG. Neste sentido, serão valorizados vários indicadores como proxies da mobilidade. Alguns destes indicadores apontam apenas para a existência de infraestrutura para facilitar a mobilidade, tais como acordos entre instituições, disciplinas em outro idioma, escritórios de recepção de pesquisadores, cursos em parcerias, participação em redes internacionais da área de conhecimento,

acreditações internacionais, etc. **Vale ressaltar que a mobilidade na Área é quase um ato de bravura, em razão da escassez de recursos. Isso porque a pesquisa na Área não tem sido entendida como prioritária e, portanto, historicamente tem recebido poucos recursos, a despeito de seu tamanho.** (grifo nosso).

CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DOS CRITÉRIOS DA ÁREA PARA ATRIBUIÇÃO DE NOTAS 6 E 7

A atribuição de notas 6 e 7 na Área tomará como base os dados de inserção internacional em composição com dados que evidenciem a liderança PPG no ambiente nacional.

Segundo o regulamento da Quadrienal 2017, serão considerados para as notas 6 e 7 os PPG que receberem nota 5 e conceitos MB em todos os quesitos da ficha de avaliação. Para a nota 6 é necessário predomínio de conceito MB nos itens de todos os quesitos da ficha de avaliação, mesmo com eventual conceito B em alguns itens e para nota 7, conceito MB em todos os itens de todos os quesitos da ficha de avaliação. Além disso, é necessário, segundo o mesmo regulamento, que os PPG apresentem desempenho equivalente àquele de centros de internacionais de referência na formação de pessoal em nível de doutorado na área, tenham nível de desempenho diferenciado em relação aos demais PPG da área e caracterizem sua solidariedade e nucleação.

Após a verificação da liderança nacional do PPG, será avaliado o grau de inserção internacional do PPG, como forma de avaliar seu grau de equivalência aos centros localizados no exterior em termos da qualidade da formação discente.

A Área vai mensurar o grau de inserção internacional dos PPG por meio de indicadores de reconhecimento de qualidade científica e de mobilidade/infraestrutura para a mobilidade. A seguir são listados os indicadores levantados, mas é possível que os PPG apresentem novos aspectos relevantes, que não são apontados aqui e que poderão ser considerados. • Egressos do PPG atuando no estrangeiro; • Docentes que foram

diretores ou presidentes de sociedade científica internacional; • Docentes com participação em comitê editorial de periódico editado no estrangeiro presente nas bases Scopus ou Web of Science; • Participação em convênio ou projeto de pesquisa com financiamento internacional; • Reuniões científicas internacionais organizadas pelo PPG; • Participação em bancas ou comitê de acompanhamento de pós-graduando no exterior; • Alunos de doutorado do exterior que vieram desenvolver parte de seu projeto no PPG; • Alunos de doutorado do PPG que foram desenvolver parte de seu projeto em IES do estrangeiro; • Artigos em coautoria com pesquisadores de instituições estrangeiras; • Livros ou capítulos de livro de editoras internacionais de renome; • Participação em redes internacionais da área de conhecimento; • Cursos ministrados por pesquisadores estrangeiros no PPG; • Palestras, seminários ou equivalentes ministradas por pesquisadores estrangeiros no PPG; • Orientação ou co-orientação de aluno do PPG por professores estrangeiros; • Orientação ou co-orientação de aluno de curso do exterior por DP do PPG; • Estágio pós-doutoral no PPG de titulados no doutorado no exterior. • Discentes que participaram de eventos científicos no exterior; • Discentes e Egressos premiados por entidades internacionais, em razão de trabalhos realizados no PPG; • Discentes que participaram em cursos no exterior; • Alunos estrangeiros matriculados em disciplinas do PPG; • DP que realizaram pós-doutoramento em instituição estrangeira no quadriênio; • Recrutamento de pesquisadores estrangeiros para corpo docente do PPG; • Acordos entre a instituição do PPG e um parceiro do exterior para cooperação na área; • Acordos para dupla titulação com Instituições internacionais; • Disciplinas em outro idioma; • Escritórios de recepção de pesquisadores; • Acreditações internacionais; • Espaço no PPG para acomodar docentes e discentes vindos do exterior.

O grau de internacionalização dos PPG considerará o perfil dos parceiros internacionais nas ações de cooperação e de mobilidade, ou seja, se os parceiros são instituições de referência de qualidade mundial ou instituições de relevância e impacto restrito à região de sua atuação, qualquer que seja sua localização. (CAPES, 2017).

Em análise dos indicadores relacionados à internacionalização, no documento de área da CAPES, percebe-se uma amplitude maior de indicadores apresentados para considerar a internacionalização no processo de avaliativo.

Esses indicadores serão úteis para compor o instrumento de acompanhamento da internacionalização proposto e serão confrontados e complementados pelos demais indicadores encontrado em outros instrumentos e confrontados pelo material da literatura encontrada.

Para que se tenha uma ideia da proposta de pesquisa seguem algumas informações do levantamento das ações de internacionalização da rede federal de educação profissional e tecnológica e resultados do grupo de trabalho (GT) de políticas de internacionalização da SETEC/MEC.

Na pesquisa realizada pela SETEC/MEC em 2018, foi aplicado um instrumento com diversas questões contemplando diferentes dimensões.

Com a coleta desses dados o GT propôs reavaliar as políticas já implantadas, propor um sistema de gestão de relações internacionais e estabelecer as diretrizes para o biênio 2018-2019, apresentando um documento de referência de internacionalização da SETEC/MEC, com propósito, objetivos, prioridades, ações, prazos e painel de metas.

Verifica-se que os indicadores apresentados contemplam outras dimensões não citadas anteriormente. Com questões mais específicas, buscam dados quantitativos e qualitativos para caracterizar o ambiente pesquisado.

Esses indicadores, respeitando as características próprias de cada nível, também podem ser aplicados à educação superior, e serão utilizados como subsídio para compor o resultado final deste trabalho.

Além disso também foram considerados os indicadores do questionário aplicado pela CAPES em 2017 para verificar a internacionalização na universidade brasileira.

Considerou-se ainda o quinto questionário global da Associação Internacional de Universidades (AIU) sobre internacionalização da

educação superior.

Porém esse questionário aplicado pela AIU busca compreender as tendências da internacionalização e não aborda a coleta de dados quantitativos.

Ainda foram considerados os indicadores apontados por Veiga (2011) e Sebastián (2004; 2011), constituindo assim um rol com diversos indicadores que buscam contemplar todas as áreas diretamente afetadas pelo processo de internacionalização e em que a internacionalização pode contribuir para potencializar os resultados.

5.2 INSTRUMENTO DE ACOMPANHAMENTO DA INTERNACIONALIZAÇÃO NA IES

Assim, ante as pesquisas realizadas, sugere-se um conjunto de indicadores que as instituições devem levar em conta para realização do acompanhamento da internacionalização e realize avaliações do processo em curso. Sugere-se que as instituições realizem levantamento periódico das informações que poderá ser anual ou até quadrienal.

Como a internacionalização é um processo que ganhou destaque recente nas instituições, muitas delas ainda não tem sistemas adaptados que captem as informações relativas às ações de internacionalização. Isso justifica a realização da coleta anual das informações, que poderá contribuir para captar informações que por vezes não constam nos registros institucionais.

A realização quadrienal da pesquisa ou compilação e análise dos dados coletados das pesquisas anuais servirão como base para revisão dos planejamentos de desenvolvimento institucional.

Os indicadores coletados foram divididos em 11 dimensões, de forma a agrupar as diferentes áreas afetadas pela internacionalização e facilitar o processo de coleta e análise das informações.

As dimensões estabelecidas e a quantidade de indicadores apresentados a cada dimensão foram: estrutura administrativa (31), estrutura física (37), fomento (29), acordos (24), idiomas (12), cursos e currículos (26), pesquisa e extensão (84), comunicação (9), discentes (36), docentes (29) e técnicos administrativos (10).

Além dessas dimensões foi verificada a necessidade de coleta de características institucionais que definem o perfil da instituição (7), de forma a facilitar a compreensão de dados que forem coletados a partir do instrumento apresentado e permitir a comparação entre as instituições sem gerar distorções ao comparar instituições de diferentes portes e classificações.

Figura 5 - Dimensões de internacionalização da IES



Fonte: Elaborado pelo autor.

Seguem os indicadores que compõem o instrumento final, divididos em dimensões. Os quadros apresentam os indicadores dos documentos originais consultados.

Para iniciar o instrumento, os primeiros dados que se propõe a coletar são dados de identificação institucional apresentados no quadro a seguir, como por exemplo o nome da IES, se pública ou privada, quais cursos são ofertados e os números totais de alunos e docentes.

Quadro 5 - Perfil Institucional

Indicador	Referências
Identifique sua instituição (Nome e SIGLA)	Sebastian, 2004 IAU, 2018; SETEC, 2018
Qual das seguintes categorias descreve melhor a sua instituição? (pública, privada sem fins lucrativos, privada	Sebastian, 2004 IAU, 2018

com fins de lucro)	
Que níveis de ensino são oferecidos em sua instituição? (graduação, mestrado, doutorado)	IAU, 2018
Número e tipo de docentes	Sebastian, 2004
Número e tipo de alunos	Sebastian, 2004
Ano de criação da instituição	Sebastian, 2004
Qual foi o total de matrículas no início do ano acadêmico? (Indicar a soma dos estudantes regulares em graduação e pós-graduação?).	Sebastian, 2004 IAU, 2018

Fonte: elaborado pelo autor.

Os dados do perfil institucional servem para auxiliar na avaliação final dos dados, permitindo a comparação dos resultados, porém respeitando as características institucionais, como localização, porte, constituição etc.

A seguir são apresentados os diversos indicadores encontrados para buscar acompanhar, monitorar e/ou avaliar o processo de internacionalização institucional.

No quadro a seguir são apresentados indicadores que buscam compreender, por exemplo, como a internacionalização está presente na estrutura administrativa e no planejamento da organização, buscando informações a respeito da internacionalização na política e no planejamento institucional.

Quadro 6 - Estrutura Administrativa

Indicador	Referências
Situação de internacionalização (pouco internacionalizada, medianamente internacionalizada, altamente internacionalizada)	CAPES, 2017 b
O que sua instituição entende por internacionalização?	SETEC, 2018
Sua instituição possui algum documento com a definição? (inserir link)	SETEC, 2018
Possuem plano de internacionalização? (sim, não ou em desenvolvimento)	CAPES, 2017 b Sebastian, 2011 Sebastian, 2004
A política institucional para a internacionalização está articulada com o PDI?	INEP, 2017 a SETEC, 2018
O plano de internacionalização é integrante do Plano de Desenvolvimento Institucional?	CAPES, 2017 b
A internacionalização é mencionada na missão/plano estratégico institucional? (sim, não, desconheço, não há uma missão/plano estratégico institucional)	IAU, 2018
Que nível de importância tem a internacionalização para os	IAU, 2018

líderes de sua instituição? (alta, média, baixa, não é importante, desconheço)	
O grau de importância atribuído à internacionalização pelos líderes de sua instituição nos últimos três anos mudou? (aumentou substancialmente, aumentou, permaneceu o mesmo, diminuiu substancialmente, diminuído, desconhecido)	IAU, 2018
Existência na instituição de um comitê assessor internacional	Sebastian, 2004
Avaliação periódica externa da instituição	Sebastian, 2004
Desenvolvimento das tecnologias da informação e acesso a internet por professores e estudantes	Sebastian, 2004
Sua instituição possui normativas e/ou regulamentos aprovados em Conselho Superior para ações de internacionalização ou idiomas? Regulamento de Centro de Idiomas, Dupla Diplomação, aproveitamento de crédito, Afastamento para o exterior, Revalidação de diplomas, Participação em eventos internacionais, previsão de matrícula temporária para estrangeiros, outros (especificar)	SETEC, 2018
As ações acadêmico-administrativas estão relacionadas com a política de ensino para os cursos de graduação e consideram mobilidade acadêmica com instituições internacionais?	INEP, 2017 a
Há planejamento do programa com vistas a seu desenvolvimento futuro, contemplando os desafios internacionais da área na produção do conhecimento, seus propósitos na melhor formação de seus alunos, suas metas quanto à inserção social mais rica dos seus egressos, conforme os parâmetros da área?	CAPES, 2017 a
A política institucional para a internacionalização é coordenada por um grupo regulamentado?	INEP, 2017 a
Existência de um comitê ad hoc para a política de cooperação internacional	Sebastian, 2004
Existência de objetivos institucionais para a cooperação internacional. Quais?	Sebastian, 2004
A política institucional para a internacionalização apresenta atividades voltadas para programas de cooperação e intercâmbio?	INEP, 2017 a
Há política institucional para a internacionalização responsável por sistematizar acordos e convênios internacionais de ensino e de mobilidade docente e discente?	INEP, 2017 a
Política escolhida pela IES como prioritária para o processo de internacionalização da instituição (por países, demanda	CAPES, 2017 b

docente, eixo sul sul, área conhecimento, centros excelência, instituições/países, parcerias tradicionais, prioridades, fortalecimento técnico científico, demanda IES, EUA/EUROPA, processo incipiente proximidade linguística, outra (especificar)	
Caracterizar o modelo de cooperação da instituição	Sebastian, 2004
Identificar as 5 principais dificuldades encontradas na gestão e no desenvolvimento da cooperação internacional	Sebastian, 2004
Identificar as 5 mudanças mais importantes a realizar na instituição para melhorar a eficácia e eficiência da cooperação internacional	Sebastian, 2004
Quais são os três benefícios potenciais mais importantes da internacionalização para sua instituição? (Melhora da cooperação internacional e o desenvolvimento de capacidades, maior internacionalização do currículo/internacionalização em casa, incremento no prestígio/perfil da instituição, incremento da empregabilidade dos egressos, melhora na qualidade do ensino e da aprendizagem, incremento da consciência internacional e uma maior participação dos estudantes em questões globais, aumento na participação dos acadêmicos e investigadores em redes internacionais, aumento e diversificação de ingressos, oportunidade para comparar ou ter um ponto de referencia sobre o desempenho institucional dentro do contexto de boas práticas internacionais, fortalecimento institucional em investigação e mna produção de conhecimento, outro (especificar)	IAU, 2018
Quais são os três principais riscos potenciais da internacionalização para sua instituição? (fuga de cérebros, dificuldade para avaliar/reconhecer a qualidade dos cursos/programas que oferecem instituições estrangeiras, concorrência excessiva com outras instituições de educação superior, homogeneização do currículo, incremento de xenofobia/racismo no(s) campus, acesso a oportunidades internacionais somente para estudantes com recursos, busca por associações/políticas internacionais somente por razões de prestígio, uso excessivo do idioma inglês como meio de instrução, ênfase excessiva em internacionalização minimizando a importância de outras demandas de acadêmicos e estudantes, dano a reputação da instrução por envolver-se em atividades transnacionais, enfoque excessivo em recrutar estudantes internacionais que pagam taxas, distribuição desigual dos benefícios da internacionalização entre instituições associadas, outro (especificar)	IAU, 2018

<p>Quem promove internamente a internacionalização em sua instituição?(Chefe da instituição (reitor / presidente), Segundo nível de gestão da instituição (vice-reitor), Decanos, Coordenadores Gerais, Diretores de faculdades ou escolas, chefes de departamento, Diretores, Coordenadores do Escritório de Internacionalização, acadêmicos, Pessoal administrativo, Estudantes, Outro (especificar))</p>	IAU, 2018
<p>Quais são os três principais fatores externos que impulsionam a internacionalização em sua instituição?(Demanda de negócios e indústria, Demanda de instituições estrangeiras de ensino superior, Tendências demográficas, Política pública (nacional / estadual / provincial / municipal), Necessidade de gerar renda, Ranking nacional e internacional, Políticas regionais (por exemplo, UE, ASEAN, OEA), expectativas sociais, Outro (especificar))</p>	IAU, 2018
<p>Quais são os três obstáculos internos mais importantes para promover internacionalização em sua instituição? (Dificuldades administrativas ou burocráticas (por exemplo, a não transferência de créditos, diferenças nos calendários escolares), Exposição insuficiente a oportunidades internacionais, Financiamento insuficiente, Falta de proficiência em línguas estrangeiras, Falta de uma estrutura organizacional ou um escritório para internacionalização, ou escasso financiamento para isso, Baixo interesse ou participação de acadêmicos, Capacidade limitada e experiência de acadêmicos, Liderança limitada ou visão institucional, Baixo interesse ou participação de estudantes, A participação de acadêmicos em atividades educacionais não é reconhecida internacionalização para obter promoções e finalização, Falta de estratégia ou plano para guiar o processo de internacionalização, Pouca flexibilidade curricular para participar de programas internacionais, incluindo a mobilidade estudantil, Outro (especificar))</p>	IAU, 2018
<p>Quais são os três obstáculos externos mais importantes para a internacionalização em sua instituição? (Aumento das políticas nacionalistas e anti-migração, Dificuldades em reconhecer graus ou equivalências em programas de estudos e créditos, A internacionalização do ensino superior não é uma política prioritária nacional, As instituições estrangeiras que poderiam ser parceiras de nossa instituição não são interessado nisso, A barreira do idioma, Financiamento limitado para apoiar os esforços para promover nossa educação superior internacionalmente, Percepção de insegurança em nosso país, Restrições de</p>	IAU, 2018

visto impostas pelo nosso país a estudantes, pesquisadores e acadêmicos estrangeiros, Restrições de visto impostas a nossos alunos, pesquisas e acadêmicos por outros países, Outro (especificar)	
No seu país, quais são os três principais riscos sociais potenciais associados às tendências atuais na internacionalização do ensino superior? (Sentimentos antiglobalização, fuga de cérebros, Mercantilização e / ou comercialização de educação, Predominância de uma abordagem epistemológica ocidental, Aumento das lacunas de desenvolvimento entre o nosso país / região e outros países, Aumento das brechas de qualidade, prestígio ou capacidade institucional entre as instituições de ensino superior do nosso país, Aumento de "fábricas de diploma" e / ou instituições estrangeiras de baixa qualidade, Aumento da xenofobia e do racismo na sociedade, Perda de identidade cultural, Perda de diversidade linguística, Dependência excessiva de estudantes internacionais, Distribuição desigual dos benefícios da internacionalização entre países, Outro (especificar)	IAU, 2018

Fonte: elaborado pelo autor.

Na análise das dimensões ou quesitos apresentados, verifica-se a presença de indicadores quantitativos e/ou qualitativos. No quadro sobre a estrutura administrativa notam-se indicadores qualitativos objetivos, com resposta sim ou não, ou com respostas eletivas.

Nota-se que algumas delas apresentam alto grau de subjetividade, mas que provocam a instituição no sentido de refletir sobre determinado aspecto abordado. Também o conjunto e o histórico dos dados coletados poderá apontar algumas direções ou realidades a que as instituições estão inclinadas, sempre devendo considerar os demais fatores de análise e o contexto institucional.

A análise desses indicadores poderá indicar o grau de importância da internacionalização para a instituição, e poderá também indicar em quais setores ela está mais presente.

Por sua vez no quadro sobre os acordos de cooperação, busca-se evidenciar sobre a situação das relações institucionais com órgãos internacionais em geral, citando como exemplo a quantidade de acordos de cooperação firmados, especificando as áreas de conhecimento, os países e instituições com as quais são estabelecidas essas parcerias, a quantidade de projetos gerada por esses acordos e a quantidade de pessoas envolvidas nesses projetos.

Quadro 7 - Acordos de Cooperação

Indicador	Referências
Existência de políticas explícitas e/ou de um plano estratégico para a cooperação internacional	Sebastian, 2004
Existência de mecanismos regulares de acompanhamento e avaliação da internacionalização na instituição	Sebastian, 2004
Acordos entre instituições	CAPES, 2017 a
País	SETEC, 2018
Instituição	SETEC, 2018
Área de Conhecimento	SETEC, 2018
Numero de países com os quais se realizam atividades de cooperação	Sebastian, 2004
Numero de instituições com os quais se realizam atividades de cooperação	Sebastian, 2004
Porcentagem de cooperação entre as instituições e países estrangeiros	CAPES, 2017 b
Países com os quais se tem maior cooperação	Sebastian, 2004
cinco países prioritários para a internacionalização da sua instituição em ordem de prioridade	CAPES, 2017 b
Justificativa para as prioridades (acordos e parcerias, afinidade por área de conhecimento, reputação, cultura/língua, potencial de amplificação de parceria, prioridade institucional, outra (especificar)	CAPES, 2017 b
Nº de parceiros para mobilidade	Veiga, 2011
Nº de protocolos de Cooperação com IES internacionais	Veiga, 2011
Sua instituição participou de missões ao exterior? Quantas?	SETEC, 2018
Quais os destinos? Países ou regiões	SETEC, 2018
Qual a origem do financiamento? Recursos Institucionais, Recursos captados em editais externos, Convites feitos por parceiros, Outro (especificar)	SETEC, 2018
Programa de Bolsas Individuais dos quais participam	CAPES, 2017 b
Acordos entre a instituição do PPG e um parceiro do exterior para cooperação na área	CAPES, 2017 a
Os acordos geraram algum plano de trabalho ou projeto em concreto?	SETEC, 2018
Caso existe um plano de trabalho, em que áreas eles são?	SETEC, 2018
Números de pessoas	SETEC, 2018
Estes projetos possuem algum potencial para inovação?	SETEC, 2018
O projeto possui vínculo com agência de fomento?	SETEC, 2018

Fonte: elaborado pelo autor.

Cabe frisar que, a maior quantidade de acordos entre instituições não pode ser considerado isoladamente como fator de sucesso, sem que

seja conhecida a efetividade dos acordos firmados. Acordos de gaveta sem exercício de atividades não contribuem para a instituição.

Também são consideradas, as características dos cursos e dos currículos, quanto à previsão de elementos relativos à internacionalização, como disciplinas em outros idiomas, dupla diplomação, cursos certificados a nível internacional e programas de estudos internacionais sobre outros países e regiões.

Quadro 8 – Cursos e Currículos

Indicador	Referências
Área de conhecimento consideradas prioritárias pelas instituições para o processo de internacionalização (CIÊNCIAS AGRÁRIAS, CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, ENGENHARIAS E TECNOLOGIAS, CIÊNCIAS EXATAS, CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS, LINGUÍSTICA E ARTES, CIÊNCIAS DA SAÚDE, CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS, OUTROS (especificar))	CAPES, 2017 b
Acreditações internacionais	CAPES, 2017 a
Acordos para dupla titulação com Instituições internacionais	CAPES, 2017 a Veiga, 2011
Disciplinas em outro idioma (relacione disciplinas, curso e idioma)	CAPES, 2017 a
% aulas ministradas em outro idioma	CAPES, 2017 b
% de cursos de licenciatura que contempla pelo menos uma UC de Inglês	Veiga, 2011
Nº de unidades curriculares lecionadas em Inglês/nº de cursos (1º e 2º ciclo)	Veiga, 2011
Peso de los estándares internacionales en los contenidos curriculares	Sebastián, 2011
Peso de los enfoques internacionales e interculturales en los programas docentes	Sebastián, 2011
Peso de los estándares internacionales en los métodos docentes	Sebastián, 2011
% Programas docentes acreditados a nivel internacional (licenciatura y postgrado)	Sebastián, 2011
% Programas de licenciatura con colaboración internacional	Sebastián, 2011
Porcentagem de programas de pos-graduação com algum componente de cooperação internacional	Sebastian, 2004
Cursos ministrados por pesquisadores estrangeiros no PPG	CAPES, 2017 a
Orientação ou co-orientação de aluno do PPG por professores estrangeiros	CAPES, 2017 a
Orientação ou co-orientação de aluno de curso do exterior	CAPES, 2017 a

por docente permanente do programa de pós-graduação	
Estágio pós-doutoral no PPG de titulados no doutorado no exterior	CAPES, 2017 a
Participação em bancas ou comitê de acompanhamento de pós-graduando no exterior	CAPES, 2017 a
Nº de doutorados por IES internacionais/nº de doutorados	Veiga, 2011
Cursos de graduação e pós-graduação certificados ou acreditados a nível internacional	Sebastian, 2004
Transculturalidade e dimensão internacional nos currículos docentes	Sebastian, 2004
Duplas titulações por universidades estrangeiras	Sebastian, 2004
Programas de pós-graduação em colaboração internacional com instituições estrangeiras ou com participação de professores ou pesquisadores estrangeiros	Sebastian, 2004
Cursos de graduação e pós-graduação oferecidos em outros países	Sebastian, 2004
Centros e programas de estudos internacionais sobre outros países e regiões	Sebastian, 2004
Nº de cursos internacionais a funcionar à distância	Veiga, 2011

Fonte: elaborado pelo autor.

No aspecto relativos a internacionalização dos currículos, percebe-se cada vez maior a preocupação das instituições de inserir elementos para internacionalização do currículo, seja para fins de divulgação/consolidação institucional para promoção e reconhecimento da instituição, seja por garantir maior qualidade na formação e ampliação de experiências e oportunidades para os estudantes e egressos.

Outra questão que vem ganhando destaque na atualização e implementação de novos modelos de aprendizagem é a utilização de ferramentas de tecnologia da informação, facilitando o acesso a novos padrões culturais, ampliando horizontes de pesquisa e de desenvolvimento pessoal e profissional.

No aspecto sobre a estrutura física, apresentado no quadro seguinte, são abordados quesitos relacionados a setores específicos voltados ao atendimento de demandas internacionais da instituição e de elementos relativos à estrutura física para atendimento de necessidades dos setores de internacionalização, como a secretaria de relações internacionais, as funções a ela atribuídas e sua autonomia para atuação, estrutura para recepção de estudantes, docentes e administrativos e a existência de sistemas gerenciais dos processos de internacionalização.

Quadro 9 – Estrutura física

Indicador	Referências
Possui escritório ou assessoria para ações de internacionalização?	CAPES, 2017 b
Nome da unidade responsável da gestão da cooperação internacional	Sebastian, 2004
Sua instituição possui uma estrutura física para a assessoria internacional (Marque todas que se aplicam: Sala própria, Servidores lotados, Colaboradores Eventuais, Equipamento (computadores, laptops, telefones, celular institucional, data show, impressoras), outros (especificar)	SETEC, 2018
Numero de pessoas que trabalham na unidade de gestão? Titulação e perfil	Sebastian, 2004
Funções que realiza mais frequentemente a unidade de gestão da cooperação internacional	Sebastian, 2004
Nº de funcionários ligados ao gabinete de mobilidade/nº total de funcionários não docentes	Veiga, 2011
Qual o vínculo institucional do Assessor Internacional? Assessor, Diretor, Coordenador, Chefe de departamento, Outro (especificar)	Sebastian, 2004 SETEC, 2018
Dependência da unidade no organograma institucional	Sebastian, 2004 Sebastián, 2011
Existência na instituição de outras unidades com competência na gestão da cooperação internacional? Como se denominam?	Sebastian, 2004
Tem condições de receber visitantes estrangeiros, (estudantes, professores, técnicos e pesquisadores estrangeiros)?	CAPES, 2017 b
Mecanismos utilizados para a recepção de estudantes, professores e pesquisadores estrangeiros (Aula Português estrangeiro, Laboratórios, Salas para alunos estrangeiros, Hospedagem próprio, Bolsa, Alimentação, Transporte, Manual/pagina, Padrinho/tutor, Recepção aeroporto/transporte, Biblioteca, Base de dados digitais, Docente estrangeiro, Discentes estrangeiros, Academia, Internacional Clube, Hospdeagem em casas, Auxilio saúde/atendimento médico, Atendimento psicólogo, Atividades de recepção, Departamento Internacional, Auxilio com gastos de instalação, Processo incipiente, outro (especificar)	CAPES, 2017 b CAPES, 2017 a
As políticas institucionais e ações de estímulo à produção discente e à participação em eventos garantem apoio financeiro ou logístico para a organização e participação em eventos na IES ou internacional?	INEP, 2017 a

Porcentagem do orçamento institucional dedicado a financiar atividades de cooperação internacional	Sebastian, 2004
Porcentagem do orçamento institucional do total gasto em atividades de cooperação internacional, incluindo os recursos captados do exterior para estas atividades	Sebastian, 2004
Sua instituição destinou orçamento para ações de internacionalização	SETEC, 2018
Porcentagem do orçamento próprio dedicado a atividades internacionais	Sebastián, 2011
Montante de fundos atribuídos para mobilidade no ano em análise/orçamento total da IES no mesmo ano	Veiga, 2011
Evolução da porcentagem do orçamento próprio da instituição dedicado a financia atividades de cooperação internacional	Sebastian, 2004
Evolução do orçamento captado do exterior para financiar programas próprios de cooperação	Sebastian, 2004
Qual foi o valor destinado para as ações de internacionalização	SETEC, 2018
Qual é a principal fonte de recursos para implementar atividades de internacionalização em sua instituição? (O orçamento geral, Fundos gerados pela mensalidade de estudantes internacionais, Fundos de outras atividades de internacionalização, Fundos externos públicos, incluindo subvenções e / ou programas de organizações internacionais, Fundos privados, incluindo doações de fundações, corporações e outras fontes, Não há fundos para atividades de internacionalização, Desconhecido, Outro (especificar)	IAU, 2018
Tipo de fomento (modalidades de bolsa ou projetos de cooperação) considerados prioritários pelas instituições para o processo de internacionalização (Projeto, acordo, parceria ou convenio, Incentivos para docentes Incentivos para discentes, Graduação, Pós-graduação, Pos-doc, PDSE, Bolsas, Intercambio, PVE, Estudantes estrangeiros, Lab/Pos internacional, Cotutela/dupla diplomação, PAEX, Estagio no exterior, Missões ou cursos no exterior, Língua estrangeira, Incipiente, outro (especificar)	CAPES, 2017 b
Critério utilizado pelas instituições para seleção dos candidatos a se tornarem beneficiários dos auxílios do processo de internacionalização (Política de seleção, Critérios PPG, Edital Agencia, Critérios Gerais, Critérios Graduação, Critério Docentes, Critério Discentes, Experiência Previa no exterior, Critério tempo de Casa, Publicações no exterior, Fortalecimento de parceria, Área	CAPES, 2017 b

prioritário para IES, Excelência, Membro Assoc. Intern., Projeto de pesquisa, Idioma estrangeiro, Termo de compromisso, Processo Incipiente, outro (especificar)	
Nos últimos dois anos, sua instituição captou recursos (fundos) e tem gestão sobre eles?	SETEC, 2018
Fundos/recursos	SETEC, 2018
Origem	SETEC, 2018
Valores	SETEC, 2018
Porcentagem de recursos financeiros externos obtidos de fontes internacionais do total do orçamento	Sebastián, 2011
Como o financiamento e gestão da internacionalização deveriam ser implementados nas IES? (Órgãos de fomento, Pró-reitoria PPG, Dep. Interno, Coord. Curso,; Comitê especif, Reitoria, CAPES/IES, Dep. Interno e Outros Órgãos, IES/Fund. de apoio, Pró-reitorias, Autonomia IES, outro (especificar)	CAPES, 2017 b
A instituição teria condições de implementar um programa próprio de internacionalização? (sim, não ou parcialmente?	CAPES, 2017 b
Forma ideal de Internacionalização - Tipos de Apoio (Redes Acadêmicas Internacionais, Representação da IES no exterior, PDSE, Assessoria de Relações Internacionais, Atividades Internacionais na IES, Publicações no exterior, Docentes com experiência internacional, Português para estrangeiros, Cursos Internacionais, Discentes bilíngues, Discentes e docentes estrangeiros, Docentes e corpo técnico bilíngue, Contratação de professor substituto, Intercâmbio docente e discente, Processo Incipiente, outro (especificar)	CAPES, 2017 b
Forma Ideal de Internacionalização - Tipos de fomento (Parcerias Internacionais, Representações estrangeiras na IES, Representações da IES no exterior, PDSE, Assessoria de Relações Internacionais, Atividades Internacionais na IES, Corpo Técnico Bilíngue, Cursos Internacionais, Discentes bilíngues, Discentes e docentes estrangeiros, Docentes e corpo técnico bilíngue, Publicações no exterior, Docentes estrangeiros, Docentes com experiência internacional, Português para estrangeiros, Professor Substituto, Processo Incipiente, outro (especificar)	CAPES, 2017 b
Forma Ideal de Internacionalização – Diretrizes (Reciprocidade e solidariedade, Prioridades pela Capes, Parcerias com instituições consolidadas, Sistema de avaliação, Metas pela Capes, Consultaria, Maior flexibilização quanto à natureza das instituições financiadoras (públicas ou privadas), Criar plataforma eletrônica, Exigir planejamento estratégico, Recursos para	CAPES, 2017 b

demandas específicas, Editais, Reduzir restrições exigidos, outro (especificar)	
Forma Ideal de Internacionalização – Gestão (Gestão a partir das prioridades, Gestão Autônoma da IES, Gestão pelos órgãos de fomento, Gestão pela Pro-PG, Gestão pelo Departamento de Internacionalização, Gestão da Coordenação de Curso, Gestão de uma Comissão específica, Gestão da Reitoria da IES, Gestão conjunta Órgãos de fomento/IES, IES/Fundação de apoio, Gestão conjunta das Pró-Reitorias, PPG/Coordenações, Dept. Int e Outros órgãos da IES, outro (especificar)	CAPES, 2017 b
Forma Ideal de Internacionalização - Questões Internas (Ampliação Estrutura Atual, Estrutura Internacionalização, Cultura de Internacionalização, Currículos internacionais, Editais Internos, Plano Estratégico, Processo Consolidado, Processo Gradual, Prod. Acadêmica, outro (especificar)	CAPES, 2017 b
Prioridades das ações no plano de internacionalização das IES (enumerar - Doutorado Pleno no Exterior, Doutorado Sanduíche no Exterior, Pós-doutorado docentes no exterior, Atração de Prof. estrangeiros visitantes no Brasil, Fixação doutor brasileiro com experiência no exterior, Atração de Prof. visitante nacional sênior, Consultoria para plano de internacionalização, Aulas de línguas p/docentes, técnicos e discentes, Mestrado sanduíche, Graduação sanduíche, Apoio financeiro, Atração discente estrangeiro, Aluno no exterior, Docente no exterior, Servidor no exterior, Auxílio consultoria, Auxílio MRE, Coautoria internacional, Cooperação internacional, Disciplina em idiomas, Dupla titulação, Cursos/exames de idiomas, Org. de eventos internacionais, Parcerias int, Outros (especificar)	CAPES, 2017 b
Existência de delegações / Centros / Campus em outros países	Sebastián, 2011

Fonte: elaborado pelo autor.

No que se refere a fomento, busca-se levantar os dados relativos ao financiamento dos programas e ações de internacionalização, considerando recursos internos ou captados externamente por meio de parcerias bilaterais, por incentivos governamentais ou por participações em acordos multilaterais ou ainda captados por órgãos que fomentam a pesquisa e a mobilidade acadêmica.

Além da disponibilização de recursos, são apontados também outras formas de apoio e promoção da internacionalização, como a disponibilização de oportunidades de parcerias, mobilidade e cursos que afetos à internacionalização.

Quadro 10 – Fomento para ações de internacionalização

Indicador	Referências
As políticas institucionais e ações de estímulo à produção discente e à participação em eventos garantem apoio financeiro ou logístico para a organização e participação em eventos na IES ou internacional?	INEP, 2017 a
Sua instituição destinou orçamento para ações de internacionalização	SETEC, 2018
Porcentagem do orçamento próprio dedicado a atividades internacionais	Sebastián, 2011
Montante de fundos atribuídos para mobilidade no ano em análise/orçamento total da IES no mesmo ano	Veiga, 2011
Qual foi o valor destinado para as ações de internacionalização	SETEC, 2018
Existência de orçamento específico para a cooperação internacional	Sebastian, 2004
Existência de rubricas orçamentárias descentralizadas para atividades de cooperação internacional	Sebastian, 2004
Gasto total em atividades de cooperação internacional na instituição nos últimos 3 anos	Sebastian, 2004
Identificar os 5 principais impactos da cooperação internacional na instituição nos últimos 3 anos	Sebastian, 2004
Qual é a principal fonte de recursos para implementar atividades de internacionalização em sua instituição? (O orçamento geral, Fundos gerados pela mensalidade de estudantes internacionais, Fundos de outras atividades de internacionalização, Fundos externos públicos, incluindo subvenções e / ou programas de organizações internacionais, Fundos privados, incluindo doações de fundações, corporações e outras fontes, Não há fundos para atividades de internacionalização, Desconhecido, Outro (especificar)	IAU, 2018
Tipo de fomento (modalidades de bolsa ou projetos de cooperação) considerados prioritários pelas instituições para o processo de internacionalização (Projeto, acordo, parceria ou convenio, Incentivos para docentes Incentivos para discentes, Graduação, Pós-graduação, Pos-doc, PDSE, Bolsas, Intercâmbio, PVE, Estudantes estrangeiros, Lab/Pos internacional, Cotutela/dupla diplomação, PAEX, Estágio no exterior, Missões ou cursos no exterior, Língua estrangeira, Incipiente, outro (especificar)	CAPES, 2017 b
Critério utilizado pelas instituições para seleção dos candidatos a se tornarem beneficiários dos auxílios do	CAPES, 2017 b

processo de internacionalização (Política de seleção , Critérios PPG, Edital Agencia, Critérios Gerais, Critérios Graduação, Critério Docentes, Critério Discentes, Experiência Previa no exterior, Critério tempo de Casa, Publicações no exterior, Fortalecimento de parceria, Área prioritário para IES, Excelência, Membro Assoc. Intern., Projeto de pesquisa, Idioma estrangeiro, Termo de compromisso, Processo Incipiente, outro (especificar)	
Nos últimos dois anos, sua instituição captou recursos (fundos) e tem gestão sobre eles?	SETEC, 2018
Fundos/recursos	SETEC, 2018
Origem	SETEC, 2018
Valores	SETEC, 2018
Numero de fontes de financiamento externo	Sebastian, 2004
Tipos de fontes de financiamento externo	Sebastian, 2004
Numero de programas de oferta em que se participa	Sebastian, 2004
% Recursos financeiros externos obtidos de fontes internacionais do total do orçamento	Sebastián, 2011
como o financiamento e gestão da internacionalização deveriam ser implementados nas IES? (Órgãos de fomento, Pró-reitoria PPG, Dep. Interno, Coord. Curso; Comitê especific, Reitoria, CAPES/IES, Dep. Interno e Outros Órgãos, IES/Fund. de apoio, Pró-reitorias, Autonomia IES, outro (especificar)	CAPES, 2017 b
A instituição teria condições de implementar um programa próprio de internacionalização? (sim, não ou parcialmente?)	CAPES, 2017 b
Forma ideal de Internacionalização - Tipos de Apoio (Redes Acadêmicas Internacionais, Representação da IES no exterior, PDSE, Assessoria de Relações Internacionais, Atividades Internacionais na IES, Publicações no exterior, Docentes com experiência internacional, Português para estrangeiros, Cursos Internacionais, Discentes bilíngues, Discentes e docentes estrangeiros, Docentes e corpo técnico bilíngue, Contratação de professor substituto, Intercâmbio docente e discente, Processo Incipiente, outro (especificar)	CAPES, 2017 b
Forma Ideal de Internacionalização - Tipos de fomento (Parcerias Internacionais, Representações estrangeiras na IES, Representações da IES no exterior, PDSE, Assessoria de Relações Internacionais, Atividades Internacionais na IES, Corpo Técnico Bilíngue, Cursos Internacionais, Discentes bilíngues, Discentes e docentes estrangeiros, Docentes e corpo técnico bilíngue, Publicações no exterior, Docentes estrangeiros, Docentes com experiência internacional, Português para estrangeiros, Professor	CAPES, 2017 b

Substituto, Processo Incipiente, outro (especificar)	
Forma Ideal de Internacionalização – Diretrizes (Reciprocidade e solidariedade, Prioridades pela Capes, Parcerias com instituições consolidadas, Sistema de avaliação, Metas pela Capes, Consultoria, Maior flexibilização quanto à natureza das instituições financiadoras (públicas ou privadas), Criar plataforma eletrônica, Exigir planejamento estratégico, Recursos para demandas específicas, Editais, Reduzir restrições exigidos, outro (especificar)	CAPES, 2017 b
Forma Ideal de Internacionalização – Gestão (Gestão a partir das prioridades, Gestão Autônoma da IES, Gestão pelos órgãos de fomento, Gestão pela Pro-PG, Gestão pelo Departamento de Internacionalização, Gestão da Coordenação de Curso, Gestão de uma Comissão específica, Gestão da Reitoria da IES, Gestão conjunta Órgãos de fomento/IES, IES/Fundação de apoio, Gestão conjunta das Pró-Reitorias, PPG/Coordenações, Dept. Int e Outros órgãos da IES, outro (especificar)	CAPES, 2017 b
Forma Ideal de Internacionalização - Questões Internas (Ampliação Estrutura Atual, Estrutura Internacionalização, Cultura de Internacionalização, Currículos internacionais, Editais Internos, Plano Estratégico, Processo Consolidado, Processo Gradual, Prod. Acadêmica, outro (especificar)	CAPES, 2017 b
Prioridades das ações no plano de internacionalização das IES (enumerar - Doutorado Pleno no Exterior, Doutorado Sanduíche no Exterior, Pós-doutorado docentes no exterior, Atração de Prof. estrangeiros visitantes no Brasil, Fixação doutor brasileiro com experiência no exterior, Atração de Prof. visitante nacional sênior, Consultoria para plano de internacionalização, Aulas de línguas p/docentes, técnicos e discentes, Mestrado sanduíche, Graduação sanduíche, Apoio financeiro, Atração discente estrangeiro, Aluno no exterior, Docente no exterior, Servidor no exterior, Auxílio consultoria, Auxílio MRE, Coautoria internacional, Cooperação internacional, Disciplina em idiomas, Dupla titulação, Cursos/exames de idiomas, Org. de eventos internacionais, Parcerias int, Outros (especificar)	CAPES, 2017 b
Existência de delegações / Centros / Campus em outros países	Sebastián, 2011

Fonte: elaborado pelo autor.

A comunicação também é outro aspecto a ser considerado no processo de internacionalização. Devem ser considerados fatores

internos e/ou relativos a comunidade acadêmica de conscientização da internacionalização na instituição e divulgação das atividades. Mas também merecem atenção os instrumentos de captação de novos parceiros.

Quadro 11 – Comunicação e visibilidade

Indicador	Referências
Páginas da web em outro idioma? IES, cursos graduação e pós-graduação? Quais idiomas?	CAPES, 2017 b SETEC, 2018 Sebastián, 2011
O sítio da Internet da IES está disponível em inglês (sim/não)	Veiga, 2011
Como é feita a divulgação dos dados das ações internacionais para a comunidade interna e externa? Newsletters, Site, Mala direta, Relatórios, Imprensa, E-mails, Redes Sociais, outro (especificar)	SETEC, 2018
Quais são os canais de comunicação utilizados para comunicação/interação com a comunidade interna? Exemplos: blog, comunicação da instituição (portal), facebook, instagram, twitter, outro (especificar)	SETEC, 2018
Política de absorção de experiência acadêmica internacional dos docentes e discentes (Tem política, Relatório, Seminário/palestra, Publicação artigo/livro, Parcerias estrangeiros, Inclusão como professor, Melhoria nos PPGs, Pesquisa, Ensino, Orientação, Mobilidade acadêmica, Formação de redes, Feira internacional, Âmbito do Programa, Processo Incipiente, outro (especificar)	CAPES, 2017 b
Qualidade e cobertura de conectividade no campus universitário	Sebastián, 2011
% revistas internacionais na biblioteca	Sebastián, 2011
% Bases de dados internacionais acessíveis desde a universidade	Sebastián, 2011
% Estudantes com acesso a recursos de internet	Sebastián, 2011

Fonte: elaborado pelo autor.

Nos quadros adiante serão apresentados os indicadores que buscam compreender as características e ações discentes, docentes e de técnicos-administrativos. Com relação a esses grupos, é possível identificar em cada um deles outros três subgrupos de análise:

- a) os efetivos ou regulares, que envolvem os alunos regularmente matriculados, ou os recursos humanos que compõem a IES, sendo consideradas características de perfil que podem interessar no processo de internacionalização;

- b) os *outgoing*, que se referem aos que realizam atividades fora do país, as parcerias realizadas e os resultados e impactos provocados na instituição;
- c) os *incoming*, que se referem aos estrangeiros recebidos na instituição para realização de estudos e atividades e os impactos que causam na instituição pela convivência desses atores na IES.

Respeitando as características de cada grupo, muitos indicadores que são apresentados podem ser utilizados em qualquer dos grupos e os resultados obtidos podem apontar quais as ações que causam mais impactos e análises para verificar como obter os melhores resultados a partir do instrumento.

Em relação aos indicadores da dimensão discentes, também deve ser considerados as diferenças entre os indicadores relativos à graduação e pós-graduação, uma vez que cada um desses níveis possuem quantidade de alunos, objetivos e atividades muito distintas.

Quadro 12 - Características Discentes

Indicador	Referências
Nº de estudantes <i>outgoing</i> /nº total de estudantes	Veiga, 2011
Nº de estudantes <i>incoming</i> /nº total de estudantes	Veiga, 2011
Nº de estudantes estrangeiros/nº total de estudantes	CAPES, 2017 b Veiga, 2011
% alunos estrangeiros regulares na pós-graduação	CAPES, 2017 b
% alunos estrangeiros temporários na pós-graduação	CAPES, 2017 b
Estudantes de graduação estrangeiros	Sebastian, 2004
% de estudantes estrangeiros em programas de graduação presenciais	Sebastián, 2011
Estudantes de pós-graduação estrangeiros	Sebastian, 2004
% de estudantes estrangeiros em programas de pós-graduação presenciais	Sebastián, 2011
% de estudantes estrangeiros em educação a distância / virtual	Sebastián, 2011
% de estudantes de bacharel em atividades de mobilidade internacional	Sebastián, 2011
% Estudantes de pós-graduação em atividades de mobilidade internacional	Sebastián, 2011
Destinos de mobilidade (país e instituição)	SETEC, 2018
Números de discente	SETEC, 2018
Segmento: graduação (Tecnológico, Bacharelado/engenharia, Licenciatura) ou Pós-graduação ou outros (especificar)	SETEC, 2018

Natureza da mobilidade: cursar disciplinas ou programa sanduíche ou dupla titulação ou estágio, pesquisa, participação em feira ou apresentação de trabalho em eventos, atividades culturais ou artístico-culturais ou outras (especificar)	SETEC, 2018
As políticas institucionais e ações de estímulo à produção discente e à participação em eventos garantem apoio à produção acadêmica discente e à sua publicação em encontros e periódicos nacionais e internacionais?	INEP, 2017 a
Existe um plano de atração para discentes do exterior?	CAPES, 2017 b
Peso de incentivos em regulamentos para mobilidade estudantil	Sebastián, 2011
Existência de processos administrativos facilitadores da captação de estudantes estrangeiros	Sebastián, 2011
Porcentagem de estudantes próprios em programas de mobilidade internacional através de atividades de cooperação	Sebastian, 2004
Porcentagem de estudantes estrangeiros através de atividades de cooperação	Sebastian, 2004
Alunos de doutorado do exterior que vieram desenvolver parte de seu projeto no PPG	CAPES, 2017 a
Alunos estrangeiros matriculados em disciplinas do PPG	CAPES, 2017 a
Alunos de doutorado do PPG que foram desenvolver parte de seu projeto em IES do estrangeiro	CAPES, 2017 a
Nº de alunos que obtiveram dupla titulação/cotutela com uma instituição estrangeira	CAPES, 2017 b
Estudantes da instituição em programas internacionais de mobilidade	Sebastian, 2004
Estudantes estrangeiros titulados nos cursos da instituição	Sebastian, 2004
Nº de alunos de pós-graduação em disciplinas lecionadas em idiomas estrangeiros	CAPES, 2017 b
Nº de alunos brasileiros em doutorado sanduíche	CAPES, 2017 b
Discentes que participaram em cursos no exterior	CAPES, 2017 a
Discentes que participaram de eventos científicos no exterior	CAPES, 2017 a
Apresentação pelos discentes e egressos em eventos científicos internacionais alinhados à proposta do PPG?	CAPES, 2017 a
Proporção de discentes com publicação em anais	CAPES, 2017 a
Discentes e Egressos premiados por entidades internacionais, em razão de trabalhos realizados no PPG	CAPES, 2017 a
Empregabilidade de discentes e egressos no mercado internacional?	Sebastián, 2011 CAPES, 2017 a

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 13 - Docentes

Indicador	Referências
Nº de docentes outgoing/nº total de docentes	Veiga, 2011
Nº de docentes incoming/nº total de docentes	Veiga, 2011
Nº de docentes estrangeiros/nº total de docentes	CAPES, 2017 b Veiga, 2011
% Professores Tempo Integral e Parcial de origem estrangeira	Sebastián, 2011
% Professores Tempo Integral com pós-graduação no exterior	Sebastián, 2011
% Professores Tempo Parcial com pós-graduação no exterior	Sebastián, 2011
% Professores Tempo Integral com mobilidade e estadias internacionais nos últimos 3 anos	Sebastián, 2011
Números de docentes em mobilidade	SETEC, 2018
Destinos	SETEC, 2018
Natureza da mobilidade: Curso de qualificação de curta duração ou pós-graduação (mestrado, doutorado, pós-doutorado) ou cooperação acadêmica de curta duração (até 1 mês) ou cooperação técnica de longa duração ou visita técnica ou participação e/ou apresentação em feira de ciência ou participação e/ou apresentação em eventos ou outros (especificar)	SETEC, 2018
É decorrente de Acordo de cooperação assinado?	SETEC, 2018
Porcentagem de professores e investigadores em atividades de cooperação internacional	Sebastian, 2004
Atividades mais frequentes	Sebastian, 2004
Sua instituição recebeu algum docente estrangeiro para participar de processo acadêmico (ministrar aulas e/ou cursos de curta duração, realizar pesquisas, ministras palestras, entre outras atividades)?	SETEC, 2018
Nº de Prof. visitantes e Pós-doutores estrangeiros	CAPES, 2017 b
Porcentagem de professores e pesquisadores estrangeiros visitantes	Sebastian, 2004
País de origem deste(s) profissional (is)	SETEC, 2018
A instituição de origem deste(s) profissional (is)	SETEC, 2018
Existe na IES um plano de atração e fixação de docentes e pesquisadores do exterior?	CAPES, 2017 b
Peso do treinamento e atividades internacionais na contratação de professores e pesquisadores	Sebastián, 2011
Peso das atividades internacionais nos esquemas de promoção e incentivo	Sebastián, 2011
Peso dos incentivos nos regulamentos para a mobilidade de professores e pesquisadores	Sebastián, 2011

As ações de estímulo e difusão para a produção acadêmica incentivam a participação dos docentes em eventos de âmbito internacional?	INEP, 2017 a
Programas de ensino ministrados no exterior	Sebastián, 2011
Participação de professores em programas de instituições estrangeiras	Sebastián, 2011
Participação do docente em eventos alinhados com a sua área de atuação em eventos científicos de abrangência internacional?	CAPES, 2017 a
Docentes que realizaram pós-doutoramento em instituição estrangeira no quadriênio	CAPES, 2017 a
Proporção dos docentes com produção ou participação em eventos?	CAPES, 2017 a
Recrutamento de pesquisadores estrangeiros para corpo docente	CAPES, 2017 a

Fonte: elaborado pelo autor.

Ressalta-se a importância de considerar também a qualificação técnico-administrativa para o processo de internacionalização. A falta de capacitação técnica dificulta o desenvolvimento das atividades rotineiras, como o atendimento e a comunicação interinstitucional.

A qualificação técnica também contribui para o enriquecimento das discussões acadêmicas nas atividades de pesquisa, extensão e inovação nos processos de gestão universitária.

Quadro 14 - Técnicos Administrativos

Indicador	Referências
Nº de funcionários não docentes outgoing/nº total de funcionários não docentes	Veiga, 2011
Nº de funcionários não docentes incoming/nº total de funcionários não docentes	Veiga, 2011
% Pessoal administrativo com mobilidade e estadias internacionais nos últimos 3 anos	Sebastián, 2011
% corpo técnico com fluência em outros idiomas	CAPES, 2017 b
Possui estratégia para treinamento do corpo técnico?	CAPES, 2017 b
Destinos de mobilidade	SETEC, 2018
Números de Técnicos	SETEC, 2018
Natureza da mobilidade: Curso de capacitação curta no exterior ou Formação no exterior (programas de pós-graduação) ou Cooperação acadêmica de curta duração (até 1 mês) ou Cooperação acadêmica de longa duração ou Visitas técnicas	SETEC, 2018
Sua instituição recebeu algum técnico administrativo	SETEC, 2018

estrangeiro para desenvolver atividades acadêmicas (colaboração no exercício da docência/ aulas e/ou ministrar cursos de curta duração, realizar pesquisas, ou outra atividade)? Especifique o país e a instituição de origem deste(s) profissional (is)	
--	--

Fonte: elaborado pelo autor.

Percebe-se uma distribuição desproporcional dos indicadores entre as categorias discentes, docentes e técnicos administrativos. Algumas respostas podem ser apresentadas para justificar os motivos disso.

Em resumo, a mobilidade docente é amplamente incentivada por órgãos governamentais e de fomento, tanto para a capacitação, como para realização de pesquisa.

A mobilidade estudantil, além de ser socialmente difundida como método de capacitação profissional, tem sido vista como oportunidades aos alunos. E dado o volume de pessoas que buscam por este recurso, o intercâmbio tem sido visto como um nicho de mercado. No entanto, quando visto do ângulo do mercado, são privilégios daqueles que podem dispor de recursos para financiamento próprio.

Em relação aos técnicos administrativos, não há políticas claras de capacitação deste grupo com vistas à internacionalização da instituição, restritas muitas vezes aos grupos gestores.

Entre as três dimensões, para que a internacionalização alcance seus objetivos, a conscientização dos impactos gerados é fundamental. Também precisam ser definidos os papéis atribuídos a cada categoria e suas contribuições ao processo.

Tratando-se da pesquisa e extensão, inúmeros são os contributos do processo de internacionalização para o desenvolvimento das atividades.

O que se percebe é que a pesquisa atualmente é a que mais abre oportunidades para a realização de acordos, pois iniciam por meio de parcerias individuais e firmam-se por um processo de confiança até o estabelecimento de parcerias institucionais.

Na prática, o que se percebe é a dificuldade em sistematizar as informações sobre esse tema, uma vez que contempla um grande leque de atividades desenvolvidas. Mas assim como os demais grupos pesquisados, a pesquisa e a extensão tem grande potencial de contribuição para a internacionalização da instituição, sendo o sucesso nessa área grande contribuidora para o desenvolvimento de estratégias e atividades das outras dimensões.

No quadro a seguir, os indicadores relacionados à pesquisa e extensão são apresentados juntos por apresentarem características semelhantes, pois em ambos os casos em sua maioria são estabelecidos sob a forma de projetos.

Quadro 15 - Pesquisa e Extensão

Indicador	Referências
Escritórios de recepção de pesquisadores	CAPES, 2017 a
Pesquisadores do Brasil para o exterior?	CAPES, 2017 a
Pesquisadores estrangeiros vindo para o Brasil?	CAPES, 2017 a
Nº de projetos de cooperação internacional	CAPES, 2017 b
Produção científica em colaboração Internacional %	CAPES, 2017 b
Atuação dos pesquisadores – docentes, discentes e egressos - em grupos de pesquisa fora do Brasil	CAPES, 2017 a
Participação em convênio ou projeto de pesquisa com financiamento internacional	CAPES, 2017 a
Distribuição adequada entre os docentes das atividades de cooperação com grupos atuando fora do Brasil, produção científica, formação de alunos e de liderança acadêmica, indicando que o PPG não depende da contribuição de um ou poucos docentes, assegurando, desta forma, seu desempenho em alto nível ao longo do tempo.	CAPES, 2017 a
Atuações em conjunto, por meio das publicações bibliográficas em periódicos e livros ou produtos tecnológicos?	CAPES, 2017 a
Artigos em coautoria com pesquisadores de instituições estrangeiras	CAPES, 2017 a CAPES, 2017 b
Nº de artigos publicados em revistas com JCR	CAPES, 2017 b
Nº de publicações em revistas científicas internacionais com afiliação nas IES ou UI	Veiga, 2011
Produção científica em periódicos com fator de impacto ou livros classificados pela área como L4	CAPES, 2017 a
Livros ou capítulos de livro de editoras internacionais de renome	CAPES, 2017 a
Nº de investigadores bolseiros em unidades de investigação das IES	Veiga, 2011
Atuação dos docentes como editores de periódicos relevantes para a comunidade internacional da área	CAPES, 2017 a
Participação em redes internacionais da área de conhecimento	CAPES, 2017 a
Atuação dos docentes como diretores ou presidentes de sociedade científica internacional?	CAPES, 2017 a
Nº de reuniões científicas internacionais organizadas	CAPES, 2017 a

	Veiga, 2011
Cursos em parcerias	CAPES, 2017 a
Palestras, seminários ou equivalentes ministradas por pesquisadores estrangeiros	CAPES, 2017 a
Melhoras na formação nos quadros docente e de pesquisadores por atividade de cooperação internacional	Sebastian, 2004
Inovações docentes introduzidas como consequência de cooperação internacional	Sebastian, 2004
Novos programas de pós-graduação iniciados como consequência de cooperação internacional	Sebastian, 2004
Novos grupos de investigação consolidados e infraestrutura para pesquisa frutos de cooperação internacional	Sebastian, 2004
Novas linhas de investigação abertas como consequência da cooperação internacional	Sebastian, 2004
Novos programas de difusão e extensão cultural incorporados e estabilizados como consequência da cooperação internacional	Sebastian, 2004
N. de projetos de pesquisa científica realizados em consórcio com IES estrangeiras	Veiga, 2011
Nº de projetos de investigação financiados internacionalmente/ nº de projetos	Veiga, 2011
Peso da internacionalização entre os objetivos e processos na missão / Estatutos / Plano de desenvolvimento institucional	Sebastián, 2011
Peso de académicos estrangeiros em comités assessores, académicos, de avaliação da universidade	Sebastián, 2011
% Projetos de pesquisa com a participação de pesquisadores estrangeiros	Sebastián, 2011
Número e % de redes temáticas e de pesquisa com a participação de pesquisadores da universidade e do exterior	Sebastián, 2011
Número e % de eventos internacionais sobre tópicos de pesquisa organizados pela universidade	Sebastián, 2011
% Publicações científicas da universidade em revistas científicas internacionais	Sebastián, 2011
% De publicações científicas internacionais	Sebastián, 2011
% Livros da universidade editados em editoras estrangeiras	Sebastián, 2011
Participação institucional em Associações / Organizações / Redes Internacionais e Comitês	Sebastián, 2011
Participação de professores / pesquisadores em órgãos de governo de Associações Internacionais /	Sebastián, 2011

Organizações / Redes e Comitês	
Eventos acadêmicos internacionais na universidade	Sebastián, 2011
Atividades culturais no estrangeiro	Sebastián, 2011
Revistas editadas pela universidade em bases de dados internacionais	Sebastián, 2011
Citações recebidas de autores estrangeiros	Sebastián, 2011
Prêmios internacionais recebidos pela universidade o por sus professores / investigadores	Sebastián, 2011
Existência de um plano para a visibilidade / difusão da universidade no exterior	Sebastián, 2011
Recursos financeiros captados por atividades associadas a projeção internacional da oferta docente. De pesquisadores e de serviços da instituição.	Sebastian, 2004
Nº de patentes registadas internacionalmente	Veiga, 2011
Projetos e redes de pesquisa conjuntos com outros países	Sebastian, 2004
Estágios de pesquisadores estrangeiros na instituição	Sebastian, 2004
Estágios de pesquisadores da instituição no exterior	Sebastian, 2004
Contratos de pesquisa e serviços com empresas e instituições estrangeiras	Sebastian, 2004
Copublicações internacionais	Sebastian, 2004
Acesso a base de dados internacionais por professores e estudantes	Sebastian, 2004
Acervo internacional nas bibliotecas	Sebastian, 2004
Atividades culturais e de extensão com uma dimensão internacional	Sebastian, 2004
Participação em programas e projetos internacionais de cooperação para o desenvolvimento	Sebastian, 2004
Participação e liderança institucional em associações e redes internacionais	Sebastian, 2004
Eventos internacionais organizados na instituição	Sebastian, 2004
Participação de professores e investigadores em comitês internacionais	Sebastian, 2004
Visibilidade da dimensão internacional na web da instituição	Sebastian, 2004
Distinções e prêmios internacionais recebidos pela instituição, professores ou pesquisadores	Sebastian, 2004
% Co – patentes internacionais	Sebastián, 2011
Orçamento para programas de pesquisa em colaboração	Cunha-Melo, 2015
Coautoria de artigos internacionais	Cunha-Melo, 2015
Coautoria de patente internacional	Cunha-Melo, 2015
Orçamento para atração de pesquisadores estrangeiro	Cunha-Melo, 2015
Mobilidade internacional	Cunha-Melo, 2015
Cofomento do resultado da pesquisa	Cunha-Melo, 2015

Procedimento de avaliação	Cunha-Melo, 2015
Abertura de programas	Cunha-Melo, 2015
Orçamento vindo de outros países	Cunha-Melo, 2015
Orçamento vindo de outros países: geração de resultados	Cunha-Melo, 2015
Co-autoria internacional em publicações	Cunha-Melo, 2015
Recrutamento de pesquisadores de outros países	Cunha-Melo, 2015
Mobilidade internacional	Cunha-Melo, 2015
Orçamento para programas ou projetos de pesquisa em colaboração	Cunha-Melo, 2015
Uso internacional da infraestrutura própria	Cunha-Melo, 2015
Recrutamento de comitês internacionais	Cunha-Melo, 2015
Porcentagem de copublicações internacionais da produção científica	Sebastian, 2004
Porcentagem de patentes conjuntas com instituições estrangeiras	Sebastian, 2004
Porcentagem de contratos de investigação e serviços com empresas estrangeiras	Sebastian, 2004
Porcentagem de atividades culturais com algum componente de cooperação internacional	Sebastian, 2004
Porcentagem de eventos acadêmicos e científicos internacionais organizados pela instituição	Sebastian, 2004
Porcentagem de projetos de cooperação ao desenvolvimento com algum componente de cooperação internacional	Sebastian, 2004

Fonte: elaborado pelo autor.

Outra dimensão que merece atenção é a relação da instituição com os idiomas, tanto usados na comunicação interna e externa, quanto na oferta de cursos e capacitações.

Quadro 16 - Idiomas

Indicador	Referências
Sua instituição possui centro de idiomas ou núcleo de idiomas?	SETEC, 2018
A IES tem em funcionamento o EILC – Erasmus Intensive Language Course (sim/não)	Veiga, 2011
% alunos matriculados na universidade em estudos extracurriculares de idiomas (excluindo os alunos matriculados em cursos de idiomas)	Sebastián, 2011
Sua instituição está cadastrada no IsF para aplicação de testes de proficiência?	SETEC, 2018
Quantos testes aplicaram nos últimos dois anos?	SETEC, 2018

Quais testes aplicaram? (Toefl ITP, Toefl PBT, Toefl IBT, Ielts, Cambridge, Apts, outro (especificar))	SETEC, 2018
Nº de alunos de que possuam fluência em língua estrangeira	CAPES, 2017 b
Domínio de idiomas na comunidade acadêmica e estudantil	Sebastian, 2004
Existência de um centro social para estrangeiros	Sebastian, 2004
Existência de centros ou delegações da instituição no exterior	Sebastian, 2004
Existência de consórcios e alianças com instituições estrangeiras para a projeção internacional da oferta docente, de pesquisadores e serviços	Sebastian, 2004
Existência de uma política e/ou um plano para a difusão da instituição no exterior	Sebastian, 2004

Fonte: elaborado pelo autor.

Assim a pesquisa realizada encontrou um conjunto de indicadores capaz de subsidiar o instrumento para acompanhamento da internacionalização das instituições de ensino superior que buscar atender a todas as áreas afetadas pela internacionalização nas instituições, ou que tem potencial contribuição por meio da internacionalização para a consolidação dos objetivos institucionais de desenvolvimento do ensino, pesquisa e extensão.

5.3 SÍNTESE E FORMAS DE APLICAÇÃO DO INSTRUMENTO

Com base nos indicadores coletados, apresenta-se abaixo um quadro síntese para demonstrar a quantidade de indicadores levantados em cada dimensão.

A desproporção entre a quantidade de indicadores em cada dimensão não indica nenhum grau de importância para qualquer dos indicadores.

Quadro 17 – Síntese dos indicadores por dimensão

Dimensão	Quantidade de indicadores
Estrutura Física	37
Estrutura Administrativa	31
Acordos de cooperação	24
Fomento	29
Comunicação	9
Idiomas	12
Pesquisa e extensão	84
Cursos e currículos	26
Discentes	36

Docentes	29
Técnicos administrativos	10
Totais 11 dimensões	327 indicadores

Fonte: elaborado pelo autor.

Para a implementação do instrumento propõe-se que a instituição realize a coleta dos dados por meio de um sistema informatizado, composto pelos indicadores apresentados, capaz de gerar relatórios que facilitem a análise dos dados coletados.

Sabendo da dificuldade em que as organizações encontram de gerenciar inúmeros sistemas, sugere-se que as informações relativas à internacionalização possam ser resgatadas de sistemas já existentes quando possível, evitando a dúvida e duplicidade das informações.

Em qualquer dos indicadores, a análise dos dados coletados deve levar em conta características institucionais, locais e regionais. Os indicadores e os dados podem ser reagrupados de forma a definir melhores formas de análise e definição de estratégias de atuação.

Desse modo, dentre os indicadores quantitativos, devem ser considerados tanto números absolutos, quanto números relativos proporcionalmente a quantidade total de grupos pesquisados, gerando assim dados com maior grau de comparação e permitindo a análise e identificação de potencialidades e pontos de melhoria.

No caso da análise dos dados em que envolve os países, sugere-se seja considerada análise dos países agrupados por região continental, por blocos econômicos, por características econômicas, por línguas oficiais, ou qualquer outra divisão que possa ser considerada relevante para o desenvolvimento de estratégias de atuação.

Nesse aspecto pode ser mencionada a importância na definição de estratégias para o relacionamento em diferentes contextos como a relação Brasil com MERCOSUL, América do Sul/América Latina, Estados Unidos, Europa/União Europeia, Ásia, África, BRICS, países desenvolvidos/ em desenvolvimento, países lusófonos etc, a serem definidos de acordo com as estratégias institucionais e nacionais de acordo com a política externa brasileira.

No mesmo sentido, o estudo considerando as áreas de conhecimento em que atuam as instituições poderá gerar informações que poderão evidenciar os potenciais e as fragilidades de cada área, respeitando em todos os momentos de qualquer análise o contexto da qual os dados foram obtidos.

Outro destaque, trata-se do esforço empregado para a coleta e a atualização dos dados apresentados. Assim como em uma consulta

médica coleta-se e mensura-se apenas indicadores básicos e em caso de inconsistência, investiga-se mais a fundo. Nas organizações é mais difícil identificar alguma “doença”, mas os indicadores podem ser monitorados e eleitas as prioridades estratégicas. Também devem ser analisados em caso de grandes variações para identificar entraves e/ou melhoria de processos.

Para Frigo (2002) estratégia e indicadores são inseparáveis, devendo as medidas serem impulsionadas por um processo que abrange a reavaliação e o redesenho do negócio. Por isso, segundo esse autor, para que ocorra sintonia é necessário atender cinco características: primeiro, define-se onde se quer chegar para estabelecer o sistema de mensuração de desempenho; segundo, os indicadores devem ser alterados quando da mudança estratégica; terceiro, ambos, devem estar alinhados às metas de criação de valor; quarto, as medidas devem possibilitar a sincronização das atividades; e, quinto, a mensuração deve assegurar a viabilidade e estar consonante ao pensamento e atuação da administração. Além do alinhamento da estratégia à mensuração do desempenho, para o desenvolvimento de um sistema de mensuração há que se considerar, dentre outras coisas, que este interaja com o ambiente existente em duas dimensões; interno, aquele que representa a organização; e o externo, ou seja, o mercado em que a instituição compete (NEELY; GREGORY; PLATTS, 2005). Para Olson e Slater (2002) ainda há três elementos fundamentais ao sistema de controle e avaliação: estabelecer padrões de desempenho; medir o desempenho em relação aos padrões estabelecidos; e realizar ações corretivas se o padrão desejado não for alcançado.

Para que um sistema de mensuração possa evoluir eficazmente, é necessário que existam capacidades-chave na organização, tais como: processos eficazes, competências adequadas de recursos humanos, cultura encorajadora e sistemas flexíveis (KENNERLEY; NEELY, 2002). Também é importante enfatizar a relevância de reconhecimento da diversidade do ensino superior ao desenvolver uma lista de indicadores de desempenho como instrumentos que sirvam para todo o tipo de instituição além de representar um instrumento de autoavaliação que visa mensurar e exibir os resultados seja para tornar-se referência, ou para permitir benchmarking (DE WIT, 2010). Para Gao (2015) os instrumentos não apenas cumprem o propósito de autoavaliação, mas também de benchmarking, acreditação, ranking ou um mix desses.

Sobre a internacionalização da educação superior, declara Morosini (2006) que “urgem estudos sobre a temática, para que não caiamos num processo transnacional onde as negociações regulatórias

não considerem as características regionais e a soberania do estado-nação.” (p. 122). Por isso a necessidade urgente das instituições de autoconhecimento das características, para que possa relacionar-se no processo de globalização sem a perda da identidade.

O contexto da internacionalização do ensino superior exige que todas as instituições revisitem e afirmem os valores, princípios e objetivos subjacentes à internacionalização, incluindo, mas não limitados a: aprendizagem intercultural; cooperação interinstitucional; benefício mútuo; solidariedade; respeito mútuo; e parceria justa. Exigindo que instituições em todo o mundo ajam como cidadãos globais responsáveis, comprometidos em ajudar moldar um sistema global de ensino superior que valorize a integridade acadêmica, qualidade, acesso e reciprocidade. (AIU, 2012).

Apesar de considerada a importância da internacionalização e dos seus relevantes contributos para o desenvolvimento cidadão e profissional, cabe ainda lembrar que a internacionalização da educação não deve ter um fim em si mesma, mas deve ser utilizada como ferramenta para a promoção do conhecimento e aperfeiçoamento institucional para o desenvolvimento do ensino, pesquisa e extensão.

6 CONCLUSÃO

A internacionalização tornou-se uma preocupação central das universidades e passou a ser considerada como uma prioridade estratégica de toda a instituição. Para operar com sucesso no ambiente cada vez mais globalizado, considera-se que as instituições acadêmicas devem continuar a promover um compromisso com a internacionalização e fazer esforços significativos para integrar a dimensão internacional em áreas-chave da operação.

Em sentido amplo, a internacionalização da universidade pode contribuir para reflexão das próprias práticas e/ou conhecimento de diferentes dimensões culturais para combate a preconceitos, oferecendo uma plataforma firme para o respeito e a dignidade nas relações humanas.

Embora internacionalização costumava ser uma agregação de atividades dispersas dentro das IES, ela evoluiu para uma estratégia abrangente que deve ser abordada de uma forma holística.

Segundo o ensinamento de Peter Drucker (1987), “o que pode ser medido pode ser melhorado”. Portanto, pode-se depreender que a mensuração do desempenho contribui para a melhoria do processo de internacionalização das organizações.

Na tentativa de medir a internacionalização da universidade com o potencial de servir como ferramentas de avaliação e para coletar e analisar informações, vários conjuntos de indicadores foram desenvolvidos através de uma ampla gama de abordagens para avaliar o desempenho de internacionalização institucional; no entanto, nenhum dos conjuntos de indicadores tem sido amplamente utilizada por universidades em sua prática.

Assim o objetivo geral desse trabalho propôs desenvolver um instrumento de acompanhamento de internacionalização da IES com um conjunto de indicadores adaptado à realidade brasileira.

Para atender a este objetivo geral, foram estabelecidos como objetivos específicos: identificar quais os indicadores de internacionalização da Educação Superior; analisar a importância dos indicadores para a internacionalização das IES brasileira; compilar os indicadores de internacionalização de IES e propor um instrumento para acompanhamento da internacionalização das instituições.

O trabalho apresentou o contexto histórico relativo a internacionalização no ensino superior evidenciando que apesar da evidência recente, a internacionalização está atrelada aos estudos da educação superior desde o império antigo grego.

Para o desenvolvimento da tarefa e alcance dos objetivos, buscou-se compreender os principais conceitos inerentes ao tema, como internacionalização, indicadores e qual a importância do conhecimento desses indicadores para a gestão universitária e para a definição das estratégias e objetivos de desenvolvimento institucional.

Definidos os conceitos, buscou-se compreender quais áreas das organizações afetadas pelo processo de internacionalização, além de identificar e reunir um conjunto de indicadores relacionados a cada área, visando captar as informações do processo de internacionalização.

Como resultados da pesquisa foram identificadas 11 áreas ou dimensões na instituição diretamente relacionadas ao processo de internacionalização: Estrutura Administrativa, Acordos de Cooperação, Cursos e Currículos, Estrutura física, Fomento, Comunicação, Discentes, Docentes, Técnicos Administrativos, Pesquisa e Extensão, Idiomas.

Foi indicado ainda um campo de perfil institucional de forma a facilitar a análise dos dados entre as instituições, para que sejam respeitadas em qualquer comparação as características institucionais.

Ao todo, foram apontados resultados 327 indicadores, divididos em 11 dimensões - estrutura administrativa (31), estrutura física (37), fomento (29), acordos (24), idiomas (12), cursos e currículos (26), pesquisa e extensão (84), comunicação (9), discentes (36), docentes (29) e técnicos administrativos (10) – que buscam compreender e acompanhar o processo de internacionalização na instituição.

Para a consolidação e avanço da pesquisa apresentada, considera-se como limitação da pesquisa a falta de validação dos resultados e a aplicação do instrumento proposto para consolidação do instrumento.

Como continuidade da pesquisa, sugere-se a criação ou atualização de sistemas administrativos capazes de sistematizar as informações dos indicadores solicitados, facilitando assim a coleta dos dados.

Considera-se que a coleta dos dados é um trabalho árduo, que exige tempo e recursos humanos e financeiros dedicados a tal atividade, mas a coleta e sistematização dos dados colabora para o acompanhamento e avaliação das instituições sobre as ações de internacionalização.

Diante dessa dificuldade, a instituição poderá definir estratégias e estabelecendo critérios e elegendo alguns indicadores que considera prioritários para melhor acompanhamento.

A análise dos dados coletados a partir dos indicadores apresentados possibilita definir parâmetros para melhor avaliar a

situação da internacionalização na IES, contribuindo para a definição de políticas estratégicas nos âmbitos institucional e/ou setorial.

A coleta e análise dos dados permite também a identificação de potenciais e fragilidades da instituição e abrem possibilidades de novos estudos na área a partir da compilação dos indicadores e das informações que por meio deles poderão ser coletadas.

Também recomenda-se atenção aos movimentos de criação de novos programas de incentivo ou outras iniciativas de promoção da internacionalização que podem provocar a necessidade de adaptações ao instrumento proposto, bem como causar sensíveis alterações nos dados coletados a partir desse instrumento.

Cabe ainda lembrar que a internacionalização da educação não deve ter fim em si mesma, mas deve ser utilizada como ferramenta para a promoção do conhecimento e aperfeiçoamento institucional para o desenvolvimento do ensino, pesquisa e extensão.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Aline Lemos. **A mobilidade acadêmica internacional na aprendizagem de administradores e engenheiros**. 2016. 123 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2016.

ALTBACH, Philip G.; REISBERG, Liz; RUMBLEY, Laura E. **Trends in global higher education: tracking an academic revolution**. Paris: UNESCO, 2009.

AUCC, Association of Universities and Colleges of Canada. **A Primer on performance indicators**. Research File, vol. 1, n. 2, pp.1-8, 1995.

BARBOSA, Lidiane De Oliveira Souza; MASIERO, Gilmar. Avaliação Da Internacionalização Universitária: Etapas E Indicadores. In: **XV Colóquio Internacional De Gestão Universitária – CIGU**. 2015. Mar del Plata, 2015. Disponível em https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/135924/101_00074.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 07/11/2018.

BARNEY, J. B. **Gaining and sustaining competitive advantage**. Reading, MA: AddisonWesley, 1996.

BEERKENS, Eric et al. **Indicator projects on internationalisation: Approaches, methods and findings**, 2010.

BIDO, Maria Cláudia Fogaça. **Ciência com Fronteiras: a mobilidade acadêmica e seus impactos**. 2015. 134 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Gestão Educacional, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2015.

BRANDENBURG, Uwe; et al. **How to measure the internationality and internationalisation of higher education institutions: indicators and key figures**. In: DE WIT, Hans. Measuring success in the internationalisation of higher education. Amsterdam, The Netherlands: European Association for International Education (EAIE), p. 65-76, 2009.

CARNEIRO, Jorge et al. **Mensuração do desempenho organizacional: questões conceituais e metodológicas**. Estudos em negócios IV, p. 145-175, 2005.

CHAVES, Vera Lúcia Jacob; CASTRO, Alda Maria Duarte Araújo de. Internacionalização da educação superior no Brasil: programas de indução à mobilidade estudantil. **Revista internacional de educação superior**, Campinas, v. 2, n. 1, p. 118-137, maio, 2016.

CHIN, Joseph Meng-Chun; CHING, Gregory. S. Trends and indicators of Taiwan's higher education internationalization. **The Asia-Pacific Education Researcher**, v. 18(2), p. 185- 203, 2009.

CHING, Gregory S; CHIN, Joseph Meng-Chun. Managing higher education institution internationalization: contemporary efforts of a university in Taiwan. **International Journal of Research Studies in Management**. v. 1, n. 1, p. 3-16, 2012.

COELHO, Camila Paim Veran. **Referencial estratégico para a internacionalização do campus Florianópolis-Continente do Instituto Federal de Santa Catarina**. 2016. 209 p. Dissertação (Mestrado Profissional) – Programa de Pós-Graduação em Administração Universitária, Centro Socioeconômico, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2016.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR – CAPES. **A internacionalização na universidade brasileira: resultados do questionário aplicado pela Capes**. Brasília, 2017.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR – CAPES. Portaria Capes n. 220, de 03 de novembro de 2017. Institui o programa institucional de internacionalização de instituições de ensino superior e de institutos de pesquisa do Brasil e dispõe sobre as diretrizes gerais do programa. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 08 nov. 2017. p. 20.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR – CAPES. **Documento de área: Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo**. 2017. 2017. Disponível em:

https://capes.gov.br/images/documentos/Documentos_de_area_2017/27_A_DMI_doc_area_2016_final_20jan2017.pdf. Acesso em: 07/11/2018.

CUNHA-MELO, José Renan da. Indicadores efetivos da internacionalização da ciência. **Rev. Col. Bras. Cir.**, 42 (Suplemento 1), p. 20-25, 2015.

DRUCKER, Peter. **Inovação e espírito empreendedor: práticas e princípios**. São Paulo: Pioneira, 1987.

EDUCATION AT A GLANCE. OCDE indicators. 2012. Disponível em: https://www.oecd.org/edu/EAG%202012_e-book_EN_200912.pdf. Acesso em: 14 de maio de 2016.

FRANCIS, Anne. **Facing the future: the internationalization of post-secondary institutions in British Columbia**. Task Force report. British Columbia Center for International Education. 1993. Disponível em: <http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED377759.pdf>. Acesso em 18 jul. 2018.

FRIGO, Mark L. Strategy-focused performance measures. **Strategic Finance**, v. 84, n. 3, p. 10, 2002.

GAO, Yuan. Toward a set of internationally applicable indicators for measuring university internationalization performance. **Journal of studies in international education**, v. 19, n. 2, p. 182-200, 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

GREEN, Madeleine F. **Measuring internationalization at research universities**. Washington, DC: American Council on Education, 2005.

HORN, Aaron S.; HENDEL, Darwin D.; FRY, Gerald W. Ranking the international dimension of top research universities in the United States. **Journal of Studies in International Education**, v. 11, n. 3-4, p. 330-358, 2007.

HOWLETT, Michael; RAMESH, M.; PERL, Anthony. **Política pública: seus ciclos e subsistemas; uma abordagem integral**. Traduzido por Heidemann, Francisco G.. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

HUDZIK, John K.. **Comprehensive internacionalization: from concept to action**. Washington: NAFSA Association of International Educators, 2011.

HUDZIK, John K.; STOHL, Michael. Modelling assessment of the outcomes and impacts of internationalisation. **Measuring success in the internationalisation of higher education**, v. 22, p. 9-21, 2009.

INTERNATIONAL ASSOCIATION OF UNIVERSITIES. 2019. Disponível em <https://www.iau-aiu.net/>. Acesso em: 24/05/2019.

INTERNATIONAL ASSOCIATION OF UNIVERSITIES. **Affirming Academic Values in Internationalization of Higher Education: A Call for Action**. 2012. Disponível em <https://www.iau-aiu.net/>. Acesso em: 24/05/2019.

INEP. INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL EXTERNA: Presencial e a Distância. 2017. Disponível em http://download.inep.gov.br/educacao_superior/avaliacao_institucional/instrumentos/2017/IES_recredenciamento.pdf. Acesso em 07/11/2018.

INEP. INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DE CURSOS DE GRADUAÇÃO: Presencial e a Distância. 2017. Disponível em http://download.inep.gov.br/educacao_superior/avaliacao_cursos_graduacao/instrumentos/2017/curso_reconhecimento.pdf. Acesso em 07/11/2018.

JOHNSON, H. Thomas. **Performance measurement for competitive excellence**. Measures for manufacturing excellence. In: KAPLAN, R. S. Measures for manufacturing excellence. Boston: Harvard Business School Press, p. 63-89, 1990.

KENNERLEY, Mike; NEELY, Andy. A framework of the factors affecting the evolution of performance measurement systems. **International journal of operations & production management**, v. 22, n. 11, 2002.

KNIGHT, Jane. Concepts, rationales, and interpretive frameworks in the internationalization of higher education. In: DEARDORFF, Darla K, et al. (Ed.), **The SAGE handbook of international higher education**. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2012.

KNIGHT, Jane. Updated definition of internationalization. **International higher education**, Boston, n. 33, p. 2-3, 2003.

KNIGHT, Jane; DE WIT, Hans. Strategies for internationalization of Higher Education: Historical and Conceptual Perspectives. In: _____. **Strategies for internationalization of higher education: a comparative study of Australia, Canada, Europa and the United States of America**. Amsterdam: European Association for International Education (EAIE) in cooperation with the Programme on Institutional Management in Higher Education (IMHE) of the Organization for Economic Cooperation and Development (OECD) and the Association of International Education Administrators (AIEA). 2007. p. 5 - 32.

KNIGHT, Jane; DE WIT, Hans. An introduction to the IQRP project and process. **Quality and internationalization in higher education**, 1999.

LAGO, Sandro Luis do. **O processo de internacionalização de uma instituição de ensino superior: o caso da Pontifícia Universidade Católica do Paraná**. 2015. 118 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LEVESQUE, K.; BRADBY, D.; ROSSI, K. **Using data for program improvement: how do we encourage schools to do it?** Berkeley, CA: National Center for Research in Vocational Education, 1996.

MASON, Richard O.; SWANSON, E. Burton. **Measurement for management decision**. Reading, Massachusetts: Addison-Wesley, 1981.

MOROSINI, Marília Costa. Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior – Conceitos e práticas. **Educar**. n. 28, p. 107-124, 2006.

NASCIMENTO, Lorena Machado do; MOROSINI, Marília Costa. Internacionalização da Educação Superior no Brasil: a produção recente em teses e dissertações. **Educação em Revista**, v. 33, 2017.

NEELY, Andy; GREGORY, Mike; PLATTS, Ken. Performance measurement system design: a literature review and research agenda. **International journal of operations & production management**, v. 25, n. 12, p. 1228-1263, 2005.

OLSON, Eric M.; SLATER, Stanley F. **The balanced scorecard, competitive strategy, and performance**. Business Horizons, v. 45, n. 3, p. 11-16, 2002.

PAIGE, R. Michael. **Internationalization of higher education: Performance assessment and indicators**, 2005.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. Ed. Editora Feevale, 2013.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO UNIVERSITÁRIA – PPGAU. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em <http://ppgau.ufsc.br/>. Florianópolis, 2017.

RUDZKI, Romuald Edward John. **The strategic management of internationalization: towards a model of theory and practice**. 330f. Tese (Doutorado em Philosophy at the School of Education) – Universidade de Newcastle upon Tyne, Reino Unido. 1998.

RUDZKI, Romuald Edward John. Implementing internationalization: the practical application of the fractal process model. **Journal of Studies in International Education**, [S.l.], v. 4, n.2, p. 77-90, jun. 2000.

SALTERIO, S.; WEBB, A. **The Balanced Scorecard**. CA Magazine, 136, 6, p. 39, agosto de 2003

SEBASTIÁN, Jesús. **Cooperación e internacionalización de las universidades**. Buenos Aires: Biblos, 2004.

SEBASTIÁN, Jesús. Dimensiones y métrica de la internacionalización de las universidades. **Universidades**, n. 51, p. 3-16, 2011.

SETEC/MEC. 2019. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/setec-secretaria-de-educacao-profissional-e-tecnologica>. Acesso em 24/05/2019.

SETEC/MEC. Levantamento Das Ações De Internacionalização Da Rede Federal De Educação Profissional E Tecnológica E Resultados Do GT De Políticas De Internacionalização. 2018. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/docman/maio-2018-pdf/87481-acoes-de-internacionalizacao/file>. Acesso em: 07/11/2018.

SILVEIRA, Denise Tolfo et al. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, v. 1, 2009.

STALLIVIERI, Luciane. **As dinâmicas de uma nova linguagem intercultural na mobilidade acadêmica internacional**. 2009. 234f. Tese (Doutorado em Línguas Modernas) – Universidad del Salvador, Buenos Aires, 2009.

STALLIVIERI, Luciane. **Internacionalização e intercâmbio: dimensões e perspectivas**. Curitiba: Appris, 2017.

STALLIVIERI, Luciane; GONÇALVES, Roberto Birch. Novas propostas pedagógicas para o desenvolvimento de disciplinas ministradas em línguas estrangeiras nas salas de aula multiculturais. **Revista de Ciências da Administração**, Florianópolis, p. 130 - 142, abr. 2015.

UNESCO. **Declaração mundial sobre educação superior no século XXI: visão e ação**. Paris: UNESCO, 1998.

VEIGA, Rita Baeta da. **Internacionalização das Instituições de Ensino Superior em Portugal: proposta de metodologia para construção de indicador do grau de internacionalização**. 2011. 123 p. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Negócios Internacionais, Escola Superior de Tecnologia e Gestão, Instituto Politécnico de Leiria. Leiria, 2011.

VAN GAALEN, Adinda. **Developing a tool for mapping internationalisation: A case study**. In: DE WIT, Hans. Measuring success in the internationalisation of higher education. Amsterdam, The

Netherlands: European Association for International Education (EAIE), p. 77-91, 2009.

DE WIT, Hans. Internationalisation of higher education in Europe and its assessment, trends and issues. The Hague: Nederlands-Vlaams e Accreditatie organisatie (Accreditation Organisation of the Netherlands and Flanders)-NVAO, 2010.

WIT, Hans de; HUNTER, Fiona. The future of internationalization of higher education in Europe. **International higher education**, n. 83, p. 2-3, 2015.